ANO LIX JANEIRO-JUNHO DE 1978 N.º 289

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

1. **Carta do Reitor-Mor** (p. 1)

MARIA RENOVA A FAMÍLIA SALESIANA DE DOM BOSCO
Levemos Nossa Senhora para casa!
Fundamo-nos na realidade objetiva
Motivações para a renovação da nossa devoção
A opção mariana de Dom Bosco
Elementos característicos da sua devoção
A Auxiliadora e o carisma salesiano
Concretitude do nosso propósito de relançamento mariano
E concluo

2. **Comunicações** (p. 39)

Nomeações
Notícias missionárias
África
Uma nova publicação
Solidariedade fraterna

3. **Necrológio** (p. 45)

S 411.73
V 672 m.
1978

Roma — Solenidade da Anunciação, 1978

MARIA RENOVA A FAMÍLIA SALESIANA DE DOM BOSCO

Caríssimos:

Saúdo-vos com alegria e esperança e desejo partilhar fraternalmente convosco alguns pensamentos que tenho no coração.

Cada um de nós costuma meditar nos acontecimentos da própria existência, pessoais, eclesiais e salesianos, imitando humildemente a Virgem Maria, que sabia conservar e aprofundar com todo o carinho dentro de si a lembrança dos fatos mais significativos da sua vocação [1].

A Providência transtornou há alguns meses a minha existência designando-me para vosso Reitor-Mor. Já se está tornando um hábito para mim a consciência das graves responsabilidades inerentes a este "serviço de família", que exige verdadeira paternidade espiritual em profunda sintonia com Dom Bosco. Menos mal que em casa nos ajudamos mutuamente.

O Senhor entretanto me ajuda a perceber a beleza e a abundância de graça e, sobretudo, a ajuda materna de Maria que acompanham tal ministério, com a alegria de poder entrar em comunhão convosco, com cada um e com cada comunidade, para refletirmos e crescermos juntos na gratidão e na fidelidade.

Queria ter o estilo simples e penetrante de Dom Bosco e a facilidade de comunhão que possuíam os outros sucesso-

(1) Cf. *Lc* 2, 51

res, mas, à míngua de afabilidade e simplicidade, supra ao menos a sinceridade e a solidez.

Estou a escrever-lhes na oitava da Páscoa trazendo no coração o clima profundo e alegre da Ressurreição: o maior dia que o Senhor fez! Apareceu-nos então a máxima novidade, impressionante e radical, que deita abaixo uma visão secularista do mundo e obriga a reler-lhe todos os valores de um ângulo humanamente impensável que os torna relativos e os assume.

Como deve ter custado a Nosso Senhor fazer compreender aos Apóstolos o que era e o que comportava *na realidade* a sua Ressureição! Com ela inicia-se a "Nova Humanidade": o homem atinge a plenitude do projeto de Deus Pai a seu respeito, descobre a verdadeira meta da sua existência e adquire a dimensão genuína da sua história.

Estamos no centro do Evangelho, do qual podemos perceber com penetrante clareza o mistério do batismo e o significado da profissão religiosa, a verdadeira missão da Igreja no mundo e o nosso papel de Salesianos entre os jovens, e dominar todo o horizonte tanto do dinamismo salvífico dos que crêem como das atividades técnicas, econômicas, culturais e políticas do homem com os seus verdadeiros objetivos.

A Páscoa é precisamente o vértice do qual vemos e julgamos tudo na fé. É desse cume pascal e na perspectiva da Ressurreição que vos convido a refletir um pouco sobre as nossas relações com a Virgem Maria, Mãe de Deus.

Levemos Nossa Senhora para casa!

O CG21 convida-nos a renovar a dimensão mariana da nossa Vocação.

Parece este o momento favorável de revermos juntos as nossas convicções sobre Maria e de fazermos cuidadoso exame da nossa devoção à Auxiliadora. Quais são as relações entre a pessoa viva de Maria e nós? Até que ponto a devoção a Nossa Senhora é hoje real e sentida nos nossos corações e nas nossas atividades pastorais? Seria exagero dizer que a dimensão mariana se acha em decadência entre nós? Não haverá talvez necessidade urgente de novo espaço para Maria na nossa Família?

Na tarde de Sexta-Feira Santa, enquanto ouvia a proclamação da Paixão segundo João, impressionei-me vivamente com a importância que o evangelista dá às palavras de Jesus moribundo dirigidas à sua Mãe: "Mulher, eis aí o teu Filho!", e ao discípulo predileto que lhe estava ao lado: "Eis aí tua mãe!"; e o que acrescentou logo a seguir: "desde aquele momento o discípulo levou-a para a sua casa" (2).

É um testamento e um programa.

Pensei instintivamente na nossa Congregação e em toda a Família Salesiana que deveria, hoje, aprofundar novamente o realismo da maternidade espiritual de Maria e reviver a atitude e o projeto do discípulo. E dizia de mim para mim: sim, devemos repetir-nos uns aos outros como programa para a nossa renovação a afirmação do evangelista: "Levemos Maria para casa!".

Seremos desta sorte "discípulos prediletos" porque zelaremos melhor pela nossa filiação batismal e sentiremos de maneira mais concreta os efeitos benéficos da maternidade de Maria.

E lembrava o afeto e o realismo com que Dom Bosco cuidou filialmente da presença de Nossa Senhora em casa, projetando e realizando as suas múltiplas iniciativas sempre em diálogo com Ela

No Domingo de Páscoa então cintilou com clareza em minha mente o aspecto profundamente realista da função materna de Maria na vida da Igreja.

Meditando o significado objetivo da Ressurreição de Cristo, não à maneira de milagre como a de Lázaro que voltou temporariamente à vida mortal, mas enquanto transfiguração definitiva da existência humana e como plenitude efetiva de uma Vida nova, vencedora do mal e da morte e participante da glória de Deus, vi emergir de novo a figura singular da Mãe de Cristo. Com efeito, a transfiguração pascal da Ressurreição é um dado concreto realizado, até agora, tão-somente em dois indivíduos da estirpe humana: Jesus e Maria!

---

(2) *Jo* 19, 26-27.

Dois de nós, vivem Eles a Ressurreição pascal como primícia e início de todo o gênero humano renovado. São o "homem novo" e a "mulher nova": o segundo Adão e a segunda Eva.

E isso não apenas como modelo a imitar ou simples meta a atingir, mas realmente como o único princípio eficaz de regeneração e de vida para todos.

Fundamo-nos na realidade objetiva

Queria salientar com particular insistência que isso é um "fato", ou seja, uma realidade objetiva que existe e é ativa antes e fora da nossa consciência; não é uma "teoria" religiosa ou um nosso modo "devoto" de sentir, mas um verdadeiro "dado" extrínseco, de per si, ao nosso pensamento subjetivo, e ao qual temos acesso com a seriedade do conhecimento humano guiado pela fé.

Na base das nossas convicções de fé encontra-se uma realidade concreta: isto é, pessoas vivas e fatos. Sobre tal objetividade devemos fazer crescer o aprofundamento da nossa doutrina mariana e a expressão da nossa piedade.

Crer na Ressurreição, e afirmar por isso que Cristo subiu e Maria foi assunta ao céu, não quer dizer que eles vivem num "astro distante" de onde poderiam vir à terra numa viagem extraordinária de astronautas; significa, ao invés, que estão deveras para nós, presentes e atuantes no nosso mundo mediante a nova realidade pascal da Ressurreição.

Maria, pois, é hoje uma personagem realmente viva e atuante entre nós; a sua assunção, pela qual participa plenamente da Ressurreição de Cristo, é um dado de fé; a sua maternidade universal é testemunhada pela Igreja como uma realidade de graça, objetiva e cotidiana.

Afirma explicitamente o Concílio Ecumênico Vaticano II: a maternidade espiritual de Maria "na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na Anunciação, que sob a cruz resolutamente manteve, até à perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou este salvífico múnus, mas por sua multíplice intercessão prossegue em granjear-nos os dons da salvação eterna. Por sua maternal

caridade cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à feliz pátria" (3).

Com razão, pois, "a Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira. . . . A Igreja não hesita em proclamar esse múnus subordinado de Maria. Pois de contínuo o experimenta e recomenda-o ao coração dos fiéis para que, encorajados por esta maternal proteção, mais intimamente adiram ao Mediador e Salvador" (4).

Partir de um quadro de referência tão fortemente realista dará às nossas reflexões especial seriedade e força, sem cedimentos a atitudes superficiais de sentimentalismo.

Lamentavelmente pode-se encontrar aqui e acolá uma incontrolada exuberância de fantasia morbosa com expressões de uma piedade duvidosa (apoiadas quem sabe em pseudo-revelações); isso tira credibilidade à devoção mariana e pode contribuir para desviar o precioso patrimônio, que hoje se está a redescobrir e é tão caro à nossa missão, da religiosidade popular.

Ao propormo-nos a imitar o discípulo predileto em "levar Maria para casa", entendemos aprofundar com seriedade o forte realismo da Ressurreição no sulco da tradição eclesial, segundo o estilo de concretitude tão de acordo com o espírito de Dom Bosco e tão característico da sua devoção a Nossa Senhora sob o título de Auxiliadora.

Motivações para a renovação da nossa devoção

Não são irrelevantes as motivações que nos levam a relançar a devoção a Maria Auxiliadora em toda a Família Salesiana.

Lembremos as mais importantes: servirão para iluminar e fundamentar melhor o nosso compromisso.

— Devemos primeiramente tomar em consideração a *virada cultural* que se produziu com o emergir de um novo

(3) *LG* 62.
(4) *LG* 62.

conhecimento dos valores humanos; ele conferiu aos usos sociais, aos modos de expressão literária e artística, aos meios de comunicação e à sensibilidade da opinião pública, um estilo verdadeiramente novo que influi também sobre a manifestação das convicções religiosas.

Isso pode haver produzido certa desafeição a um determinado tipo de expressão religiosa com uma momentânea desorientação em grandes faixas e ao depois dúvidas também doutrinais em certas pessoas. Pensamos, por exemplo, como o novo dado cultural da promoção da mulher influi certamente sobre a devoção mariana.

O Papa nos exorta a prestar grande atenção "também às aquisições seguras e comprovadas das ciências humanas" para nos empenharmos em eliminar "a discrepância entre certos conteúdos (do culto mariano) e as hodiernas concepções antropológicas e a realidade psico-sociológica, profundamente mudada, em que vivem e operam os homens do nosso tempo" (5). Isso tudo exige por certo um novo compromisso de nossa parte.

— Outra forte motivação é o grande acontecimento espiritual e pastoral do *Concílio Ecumênico Vaticano II*.

Como sabemos, ele tratou profundamente de toda a vida eclesial e de maneira particular do culto mariano. Quem não lembra a acesa discussão dos Padres Conciliares a respeito e as conseqüentes exigências de renovação em vista da escolha concreta feita nessa ocasião?

A linha mariana do Vaticano II segue uma trajetória nova, caracterizada pelo mistério total da Igreja. A exortação apostólica *Marialis Cultus* de Paulo VI explicita-lhe de maneira ordenada as linhas diretrizes e responsabiliza diretamente também as Famílias religiosas (como a nossa) quanto à necessidade de favorecer "uma genuína atividade criadora e de proceder, ao mesmo tempo, a uma diligente revisão dos exercícios de piedade para com a Virgem; revisão, que esperamos respeitosa da sã tradição e aberta para acolher as legítimas instâncias dos homens do nosso tempo" (6).

---

(5) *MC* 34.
(6) *MC* 24; cf. 40.

Em particular, a Constituição dogmática sobre a liturgia fomentou após o Concílio uma promoção mais genuína e criativa do culto cristão; ora "o desenvolvimento da devoção à Virgem Maria, inserida no sulco do único culto cristão, é elemento qualificador da genuína piedade da Igreja" [7].

Portanto todo o sentido do movimento litúrgico e da reforma do culto cristão exigem acurada revisão e novo impulso também da nossa devoção mariana.

— Assistimos, além disso, a um interessante redescobrimento da *"piedade popular"* [8], como um "lugar teológico-pastoral" de importância concreta para uma renovação realista. Nesse redescobrimento há uma consideração especial e uma reavaliação prática e respeitosa do "povo" no interior da comunhão eclesial, e um discernimento mais compreensivo, ainda que sadiamente crítico do seu "sentido religioso".

São duas categorias, de "povo" e de "sentido religioso", que devem ter uma ressonância de especial simpatia na vocação salesiana.

Pois bem, uma característica da piedade popular, comum nas várias latitudes, é precisamente a devoção mariana; deverá, pois, ser estudada e atualizada também por nós para que a saibamos fomentar com agudo discernimento, não há dúvida, mas também com sintonia e criatividade pedagógico-pastoral.

— Há ainda um motivo muito profundo e íntimo que nos deve concitar a um consciencioso relançamento mariano: é o fato de considerar *a nossa Vocação como um "carisma do Espírito Santo"*, de Quem Maria é a "esposa" e o "templo vivo" [9].

Ora, nós hoje "estamos vivendo na Igreja um momento privilegiado do Espírito" com os seus dons e carismas [10] e, portanto, um momento particularmente ligado ao papel especial de Maria: a sua função materna na vida da Igreja é um fato ligado a todo "nascimento" e "renascimento" no Espírito.

---

(7) Paulo VI, *MC* — Introdução.
(8) Cf. *EN* 48.
(9) Cf. *LG* 52, 53, 63, 64, 65; *AG* 4; etc.
(10) *EN* 75.

Por conseguinte, assim como Dom Bosco soube venerar de forma especial e prestar culto a Nossa Senhora para o "nascimento" da Congregação e da Família salesiana, com não menor amor e iniciativa devemos hoje sabê-la venerar de forma especial e prestar-lhe culto para a renovação, que é um "renascimento", da nossa Vocação hoje.

Não haverá para nós refundação e retomada sem a Auxiliadora; veremos em contrapartida crescer com sua proteção materna os efeitos do renascimento até "de maneira miraculosa".

Tanto mais que Maria é justamente um modelo peculiar de docilidade à renovação na hora da dificílima transição do Antigo ao Novo Testamento: Ela dá aí a todos a maior lição de fidelidade ao essencial e de total abertura à ação imprevisível do Espírito Santo.

— Há ainda uma razão deduzida de um aspecto característico da devoção à Auxiliadora: trata-se de uma dimensão mariana que é, por natureza, feita justamente para os *tempos difíceis*.

Manifestava-o Dom Bosco ao P. Cagliero com a famosa afirmação: "Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Auxilium Christianorum: os tempos correm tão tristes que temos mesmo necessidade de que a Virgem Santíssima nos ajude a conservar e defender a fé cristã" (11).

Estamos vivendo e experimentando hoje dificuldades verdadeiramente graves e inéditas, tanto para a fé dos crentes, para a vida da Igreja e para o ministério dos seus Pastores, como para as reformas sociais e políticas, para a educação integral dos jovens e para a promoção das classes populares.

Se a dimensão mariana da Auxiliadora se ajusta especificamente às horas de dificuldade e se Dom Bosco e a sua Família foram suscitados pelo Espírito como instrumentos especializados e eficazes para propagar-lhe a devoção na Igreja, dever-se-á concluir que as dificuldades atuais, tão complexas e problemáticas, da Igreja e da Sociedade exigem com urgência um cuidadoso relançamento mariano.

---

(11) *MB* 7, 334.

— Outra razão, mais particularmente específica para nós, é a correlação íntima que há *entre o nosso espírito salesiano e a devoção a Maria Auxiliadora.*

Não foi por acaso que Dom Bosco chegou a essa devoção; e ela não depende de alguma aparição local; apresenta-se antes como a maturação de toda uma linha espiritual e apostólica que se foi precisando e desenvolvendo com a influência de determinadas conjunturas históricas, lidas à luz de um profundo diálogo pessoal com o Espírito Santo no contexto daqueles toques marianos característicos tão familiares no dia-a-dia da vida de Dom Bosco.

A Auxiliadora aparece como o vértice do que Dom Bosco sentia de Maria: advogada, adjutriz, mãe dos jovens, protetora do povo cristão, vencedora do demônio, triunfadora das heresias, auxílio da Igreja em dificuldades, baluarte do Papa e dos Pastores assediados pelas forças do mal.

Tal devoção à Mãe de Deus é a concretização prática da santidade da ação que caracterizou a espiritualidade de Dom Bosco. Bastaria pensar no seu diálogo com o pintor Lorenzone, pedindo-lhe representasse Nossa Senhora no centro de todo um gigantesco dinamismo eclesial [12], ou contemplar o atual quadro da basílica de Valdocco para descobrir, diria quase, uma conaturalidade entre espírito salesiano entretecido de apostolado eclesial e devoção a Maria Auxiliadora.

Se, pois, todo o movimento conciliar de renovação dos Religiosos leva a uma reatualização da sua espiritualidade específica, isso deverá significar para nós um forte relançamento do componente mariano do nosso carisma.

— Por todas essas razões, e por um especial influxo do Espírito Santo, o último CG exigiu um compromisso explícito de renovação do aspecto mariano da nossa vocação: "O CG21, em espírito de fidelidade a Dom Bosco à luz do Vaticano II e da *Marialis Cultus* de Paulo VI, convida todos os Salesianos a redescobrir e valorizar a presença de Maria na própria vida e na ação educativa entre os jovens" [13].

---

(12) *MB* 8, 4.
(13) *Documenti CG* 21 n.º 94.

Também a Superiora Geral das FMA com todo o seu Conselho, em visita fraterna à nossa assembléia capitular, assumiu, com entusiasmo e desejo de agir, o compromisso sugerido pelo Reitor-Mor de se sentirem privilegiadas nas iniciativas de animação mariana em toda a Família salesiana.

Por conseguinte: sentimo-nos hoje chamados juntamente com as FMA e com todos os grupos da Família Salesiana a criar um clima e a programar atividades concretas para fazer conhecer e amar Nossa Senhora, sobretudo pelas novas gerações de jovens que têm mais do que nunca fome e sede das grandes realidades da Páscoa cristã.

Também para elas devem hoje valer e traduzir-se na prática as palavras proféticas de Maria: todas as gerações me chamarão bem-aventurada" (14).

A opção mariana de Dom Bosco

É por certo iluminante lembrar, embora sucintamente, alguns dados acerca do itinerário com que Dom Bosco chegou à sua ardente devoção a Maria sob o título de "Auxílio dos cristãos". Poderão servir para que melhor percebamos a fisionomia espiritual da sua e nossa vocação.

Sabemos que João Bosco nasceu e foi educado num ambiente profundamente mariano por tradição de Igreja local e piedade familiar.

Basta lembrar como, dias depois da sua vestidura em outubro de 1835, na vigília da partida para o seminário, mamãe Margarida o chamou e disse-lhe estas memoráveis palavras: "Joãozinho (...) Quando vieste ao mundo, consagrei-te à Bem-aventurada Virgem Maria: quando começaste os estudos recomendei-te a devoção a essa nossa Mãe: recomendo-te agora que sejas todo seu: ama os companheiros devotos de Maria; e se te tornares sacerdote, recomenda e propaga sempre a devoção de Maria" (15).

Parece-me particularmente interessante observar que já aos 9 anos, no famoso sonho (que se há de repetir várias

(14) *Lc* 1, 48.
(15) *MB* 1, 373.

vezes e ao qual Dom Bosco atribui particular incidência na sua vida) Maria se apresenta à sua consciência de fé como uma personagem importante interessada diretamente num projeto de missão para a sua vida; é uma Senhora que demonstra particulares preocupações "pastorais" para com a juventude: apresentou-se-lhe de fato "à maneira de uma Pastorinha". Notamos logo, aqui, que não é Joãozinho que escolhe Maria, mas que é justamente Maria que toma a iniciativa da escolha: a pedido do seu Filho, será a Inspiradora e a Mestra da sua vocação.

Este sentido íntimo de um relacionamento pessoal de Maria com ela, ajudará espontaneamente Dom Bosco a desenvolver no seu coração uma atenção e um afeto que vão para lá das várias festas de vários títulos marianos, localmente mais venerados, que certamente ele apreciava e sabia festejar com entusiasmo.

Será sempre característico nele essa atitude de relacionamento pessoal com Nossa Senhora: a sua devoção mariana visa a considerar diretamente a pessoa viva de Maria e nela contempla e admira todas as suas grandezas, as multíplices funções e os muitos títulos de veneração a ela atribuídos.

Foi-se desta sorte consolidando no coração de Dom Bosco um tipo de devoção mariana que não é de um setor ou unilateral, mas compreensivo e total, centrado diretamente no aspecto vivo e real mais eclesialmente apropriado da pessoa de Maria.

Escreve o P. A. Caviglia: "Note-se. Falando da devoção a Maria, deixamos de lado qualquer título comemorativo, exortativo ou devocional. É Maria, Nossa Senhora, sem mais. Vulgarmente diríamos: Que Nossa Senhora indicava Dom Bosco e de qual era devoto Domingos Savio? Todas e nenhuma. No primeiro sonho dos nove anos, apareceu a Dom Bosco menino não, digamos assim, *uma Nossa Senhora* com algum título, mas Nossa Senhora, Maria, a Mãe de Jesus. No tempo de que estamos a falar o Santo Mestre era devoto da *Consolata* (dela é a primeira estatuazinha da Capela Pinardi), a Nossa Senhora dos turineses: entretanto com o movimento religioso que levou a Igreja à definição da Imaculada, foi-se

orientando para ela e, com espírito profundamente católico e muito lúcida compreensão, transformou o artigo de fé em amor e devoção, e esta tornou-se por longo tempo, e sob certos aspectos, a sua Nossa Senhora. E foi a que desde o começo apontou a Savio; de modo que o santo discípulo teve naquela primeira celebração o seu primeiro *momento*, e dava o nome de Imaculada Conceição à *Companhia* por ele iniciada" (16).

Semelhante atitude, unida à sua peculiar índole prática e ao característico sentido histórico, levou Dom Bosco a inserir-se sempre no âmago do movimento mariano de atualidade mais eclesial.

Nos primeiros vinte anos do seu ministério sacerdotal, exprimiu esta sua compreensiva devoção mariana destacando a graça singular de Maria de ser Imaculada. A festa de 8 de dezembro permanece definitivamente central na sua metodologia pastoral e espiritual. Coincide também com a data do início das suas obras mais significativas.

Dom Bosco vivia com inteligente entusiasmo o clima eclesial que precedeu e acompanhou a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854) e que viu as aparições de Lourdes (1858).

Lembramos, por exemplo, a importância que tinha no seu compromisso educativo a "Companhia da Imaculada", que foi em Valdocco a escola de preparação do seu primeiro menino santo, Domingos Savio, e dos primeiros membros da futura Sociedade de S. Francisco de Sales. É sintomático acrescentar que, paralelamente, em Mornese, a "União das Filhas da Imaculada" serviu para preparar as primeiras sócias do futuro Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

A escolha da Imaculada nos mostra, portanto, um Dom Bosco inserido no coração do movimento mariano para além dos títulos e devoções locais; é seguir e venerar Maria, a sua Inspiradora e Mestra, como se vai fazendo vitalmente presente na atualidade da Igreja.

---

(16) A. CAVIGLIA, *Vita di Domenico Savio*, Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco, vol. IV, Torino, SEI, p. 314.

Mas é claro que Dom Bosco tende a transcender o aspecto estritamente formal do dogma da Imaculada Conceição; não se limita à prerrogativa da ausência nela do original; não se detém nunca simplesmente nas grandezas, que lhe eram tão caras, da dignidade individual de Maria em si própria (a sua plenitude de santidade, a sua virgindade incorrupta e a sua gloriosa assunção), mas tende a considerá-las, como objetivamente são, em relação à sua função pessoal de Mãe de Cristo e de todos os homens seus irmãos.

A vocação apostólica de Dom Bosco leva-o a descobrir e a sublinhar o que desde o sonho dos 9 anos era como a imagem original da sua "Mestra": a sua função de maternidade espiritual.

Assim, na prática, percebe-se facilmente em Dom Bosco a clara tendência para confiar um papel de ajuda e proteção à Imaculada na obra educativa e a valorizar a sua plenitude de graça como fonte de patrocínio para a salvação.

Já a partir de 1848 começa a escrever em algumas imagens colocadas em sua escrivaninha o título "Auxilium Christianorum". Antes de 1862, tal título ainda não aparece, nem como centro nem como síntese. Mas já se anuncia um crescendo de sintomas, provenientes quer das conjunturas da vida da Igreja, quer da índole própria da vocação de Dom Bosco, que o levam sempre mais claramente a considerar a Imaculada como *a protetora que vence* a serpente maligna e lhe esmaga a cabeça.

Com os anos 60, na plena maturidade de Dom Bosco, e mais exatamente em 1862, é que vemos emergir nele a escolha mariana da Auxiliadora.

E será a escolha mariana definitiva: o ponto de chegada de incessante crescimento vocacional e o centro de expansão do seu carisma de Fundador. Na Auxiliadora Dom Bosco reconhece finalmente delineada a fisionomia exata da Senhora que deu começo à sua vocação e foi e será sempre a Inspiradora e Mestra da mesma.

"Uma experiência de dezoito séculos — escreve Dom Bosco baseando-se em fontes autorizadas — faz-nos ver de modo luminoso que Maria continuou do céu e com o maior

sucesso a missão de *Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos* que tinha começado na terra" [17].

Notamos que a escolha da Auxiliadora coincide com *alguns dados de particular interesse* para a nossa reflexão.

— Dom Bosco percebia com sofrida atenção [18] as notáveis e crescentes dificuldades que se apresentavam à Igreja: os graves problemas das relações entre fé e política, a queda (mais de um milênio depois) dos estados pontifícios, a delicada situação do Papado e das sedes episcopais, a necessidade urgente de um novo tipo de pastoral e de novas relações entre hierarquia e laicado, as incipientes ideologias de massa, etc.

É indispensável lembrar que a história da Igreja, na metade do Oitocentos, "carateriza-se por um violento encontro entre velho e novo, entre liberalismo e conservadorismo, entre estruturas de uma sociedade oficialmente cristã e a afirmação sempre mais decidida da cidade secular". A vida inteira da Igreja sente-se envolvida nos seus múltiplos aspectos: questões doutrinais, religiosidade popular, métodos pastorais, primeiras afirmações do laicato, peculiaridades das igrejas locais. "De aí emerge o quadro de um período nodal na história da Igreja, que repropõe os termos do confronto entre o cristianismo e as culturas das diversas épocas históricas com as quais vem a encontrar-se" [19].

— Além disso, Dom Bosco ficara impressionado com os acontecimentos marianos de Espoleto, vistos pelo arcebispo Arnaldi (que mantinha correspondência com Turim) e pela imprensa católica como manifestação de Maria Auxiliadora; Ela, do próprio centro da Itália, trazia esperança àquela hora de trepidação para a sorte da Igreja e do Papa. Tal intervenção miraculosa fazia lembrar a feliz solução das vicissitudes de Pio VII (e de Dom Franzoni em Turim) e assim

---

(17) Gio. Bosco, *Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di* Maria Ausiliatrice, Torino 1868, p. 45 — *Opere edite*, vol. XX, p. 237.

(18) Cf. por exemplo, como expressão das suas meditações, a oração por ele composta para ser musicada por Cagliero: "O Maria, Virgo potens..." (*MB* 17, 309-310).

(19) G. Martina, *Pio IX, Chiesa e Mondo moderno*, ed. Studium, Roma 1976, p. 7-8.

haviam feito explodir um verdadeiro entusiasmo mariano entre os fiéis de toda a península (e de Turim).

— Sabemos ainda como Dom Bosco conservava e aprofundava no seu coração o sentido da presença de Maria na sua vocação e na vida da Igreja. As suas meditações e intuições pessoais a respeito vemo-las expressas quer em algumas afirmações, p. ex., a já citada ao P. J. Cagliero (cf. p. 8), quer no sonho das duas colunas justamente de 1862, quer na especial benevolência para o título da basílica em construção por parte de Pio IX [20].

— Por fim, muito influiu a construção do templo de Maria Auxiliadora em Valdocco, concluída em apenas três anos de maneira que o próprio Dom Bosco considerava realmente portentosa. Não era uma igreja paroquial ereta para um serviço local já pastoralmente programado, mas devia ser um lugar mariano de culto de toda a cidade, nação e mundo, aberto às exigências espirituais e apostólicas mais universais.

Sabe-se que o templo é um lugar que oferece ao mundo a presença de Deus e de Cristo, como também de Maria. A teologia do templo acha-se ligada às iniciativas gratuitas de Deus para inserir-se concretamente na história para a salvação dos homens.

Podemos dizer que para Dom Bosco a construção da igreja em Valdocco tornou-se de fato uma expressão concreta e palpável da profunda teologia do templo, vista através da presença materna e ativa de Maria: aquele templo é um "santuário mariano" que se torna o "sinal privilegiado", o "lugar sagrado" da presença protetora de Maria Auxílio dos Cristãos: "haec domus mea, inde gloria mea"!

---

(20) Dom Bosco de fato escreve: Enquanto se estava a deliberar quanto ao título sob o qual colocar o novo edifício, um incidente desfez qualquer dúvida. O Sumo Pontífice, o reinante Pio IX, a quem nada escapa do que possa redundar em vantagem para a religião, informado da necessidade de uma igreja no lugar acima indicado, mandou a sua primeira graciosa oferta de 500 francos, manifestando que Maria Auxiliadora seria um título certamente agradável à Augusta Rainha do Céu" (Gio Bosco, *Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*, Torino 1868, pp. 108-109 — *Opere edite*, vol. XX, pp. 300-301; id. Gio Bosco, *Maria Ausiliatrice col racconto di alcune grazie*, Torino 1875, p. 30 — *Opere edite*, vol. XXVI, p. 334; id. Gio Bosco, *Associazione de' divoti di Maria Ausiliatrice*, Torino 1869, p. 27 — *Opere edite*, vol. XXI, p. 365).

Isso explica também por que Dom Bosco se dedicou inteiramente naqueles anos a tal empreendimento: "Somente quem pôde testemunhá-lo — afirma o P. Albera — pode fazer uma justa idéia do trabalho e dos sacrifícios que o nosso Venerável Pai se impôs durante três anos para levar a termo a obra... por muitos tida como um empreendimento temerário muito superior às forças do humilde padre que lhe metera ombros" (21).

Pois bem: sejam quais forem as motivações concretas nas origens da escolha do título "Auxilium Christianorum", já de per si rico de história e de urgente atualidade em vista das conjunturas sócio-religiosas, parece-nos que foi *depois* determinante para Dom Bosco o fato de haver experimentado, dia após dia, que Maria praticamente construiu para si a "sua Casa" nos terrenos do Oratório e dela tomou posse para de lá irradiar o seu patrocínio.

O modo com que Dom Bosco fala dessa "Casa da Auxiliadora" destaca menos as alusões históricas, e muito mais as afirmações de presença viva, de fonte a jorrar graça, de contínuo relançamento de operosidade apostólica, de clima de esperança e de vontade de compromisso com a Igreja e com o Papa.

Apresenta-se à nossa consideração uma verdadeira "epopéia dos fatos", que se segue à construção da basílica e que ilumina mais vitalmente a escolha mariana de Dom Bosco.

Penso que deveríamos refletir mais sobre as conseqüências "espirituais" que tem para Dom Bosco (e para nós) o fato da construção desse templo, o seu significado efetivo e a sua função fontal na configuração definitiva do seu Carisma e as conseqüências concretas na fundação e desenvolvimento da Família Salesiana.

A partir da existência do santuário a Auxiliadora é a expressão mariana que caraterizará sempre o espírito e o apostolado de Dom Bosco: a sua vocação apostólica lhe parecerá toda ela obra de Maria Auxiliadora, e as múltiplas e grandes iniciativas, sobretudo a Sociedade de S. Francisco de Sales, o Instituto das FMA e a grande Família Salesiana,

(21) *Lettere circolari*, Torino 1965, p. 286.

serão vistas por ele como fundação querida e cuidada pela Auxiliadora.

Acredito que se pode afirmar que a existência do Santuário se tornou, pela experiência viva de muitas graças concretas, mais significativa de quanto pensava inicialmente o próprio Dom Bosco; a luz que irradia do templo de Valdocco transcende as preocupações pastorais de bairro e a própria história do título para criar uma realidade em parte nova e maior: um lugar privilegiado da presença materna e adjutriz de Maria.

E isso deverá por certo ter conseqüências também para o nosso relançamento mariano.

Elementos característicos da sua devoção

Pode-se falar de uma "originalidade" na nossa devoção à Auxiliadora pela qual, querendo inserir-nos no coração do movimento mariano mais atual, se devam sublinhar e cuidar alguns aspectos característicos que resultam distintivos dessa devoção?

Formulamos a pergunta partindo de uma preocupação particularmente prática: a resposta servirá para iluminar os aspectos a destacar na nossa renovação.

Dom Bosco foi um dos grandes, entre os devotos de Maria através dos séculos; foi-o de forma característica com uma modalidade peculiar, inserido explicitamente no vivo do movimento mariano mais atual e mais incisivo para a Igreja do seu tempo.

Notemo-lo bem: não inventou; inseriu-se na devoção à Auxiliadora. Entrou no sulco de uma tradição já antiga e específica, mas soube dar-lhe uma fisionomia e um estilo tão peculiar, que depois dele a Auxiliadora passou também a ser chamada familiarmente "a Virgem de Dom Bosco"!

Tentemos estudar brevemente alguns elementos que, salientados fortemente pelo nosso fundador, contribuem para dar a esta devoção uma fisionomia e estilo caracterísico.

— Primeiramente, *a viva consciência da presença pessoal de Maria* na história da salvação comporta na devoção de Dom Bosco, como já observamos, a atitude constante de

estabelecer relações vitais com Ela (unindo, certamente, Maria a Cristo num binômio inseparável de salvação: as duas colunas do seu sonho!)

Segue-se de aí que a devoçao mariana se refere sempre diretamente à "pessoa" de Nossa Senhora com todas as suas grandezas e títulos; portanto, não se exprime nunca em alguma forma de concorrência com as outras devoções, mas antes em uma forma de convergência intensiva e de projeção operativa, pelo que todo título e toda festa mariana é amada e celebrada sublinhando a sua contribuição de "auxílio" para a salvação humana.

Essa consciência da presença pessoal de Maria Auxiliadora, Dom Bosco sente-a concretamente na própria vida como um dado objetivo basilar, um elemento fundamental de toda a sua vocação quer enquanto define o destino e o estilo da sua missão apostólica, quer enquanto vai delineando a fisionomia do seu espírito evangélico.

— Outro elemento característico são *os pressupostos doutrinais* da devoção à Auxiliadora.

Dom Bosco, embora tomando-os dos autores de maior crédito, individuou-os e aprofundou com particular vigor teológico e com concretitude pastoral. Eles iluminam a índole própria da devoção e do culto a Maria "Auxílio dos Cristãos" e devem ser cultivados e aprofundados nos seus devotos. Referem-se especificamente à mediação vitoriosa de Maria em favor da fé do povo cristão e em auxílio à Igreja Católica guiada pelo Papa e pelos Bispos.

"A necessidade — escreve o nosso Fundador — hoje universalmente sentida de invocar a Maria não é particular, mas geral; não são apenas tíbios a afervorar, pecadores a converter, inocentes a conservar. Tais coisas são sempre úteis em todos os lugares, para qualquer pessoa. Mas é a própria Igreja Católica que é assaltada. É assaltada nas suas funções, nas suas sagradas instituições, no seu chefe, na sua doutrina, na sua disciplina; é assaltada como Igreja Católica, como centro da verdade, como mestra de todos os fiéis" (22).

---

(22) Gio Bosco, *Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*, Torino 1868, pp. 6-7 — *Opere edite*, vol. XX, pp. 198-199.

Este aspecto característico de "ajuda eclesial", que para Dom Bosco fundamenta o título de Auxiliadora, não parece o tenham ligado outros devotos ou carismáticos a tíutlos marianos.

Já existe por certo uma literatura nossa, bastante significativa, sobre estes pressupostos doutrinais, [23] mas é necessário que às reflexões feitas até agora se vão acrescentando, depois da guinada conciliar, outras de particular atualidade segundo a visão renovada do mistério da Igreja.

Começamos notando que já Dom Bosco uniu o título de "Auxiliadora" ao de "Mãe da Igreja" que nós, com alegria, vimos proclamado por Paulo VI no fim do Vaticano II [24]. Devemos relevar que é justamente *"o sentido vivo da Igreja"* o elemento mais caraterizante da doutrina da Auxiliadora.

---

(23) NOTA BIBLIOGRÁFICA. Lembram-se as seguintes publicações:

— P. RICALDONE, *La nostra devozione a Maria Ausiliatrice*, in ACS, sett-ott. 1948.

— *Os 11 VOLUMES* DOS *"Atti dell'Accademia Mariana Salesiana"*.

— F. GIRAUDI, *Il Santuario di Maria SS. Ausiliatrice, SEI, Torino* 1948.

— P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. 2.°, cap. 7.°; PAS-Verlag 1969.

(24) Cf. supra, p. 14, duas primeiras linhas.

— A 21 de novembro de 1964 Paulo VI proclamou oficialmente o título mariano de "Mãe da Igreja". Encerrava-se então a III sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, na qual se promulgou a constituição dogmática *Lumen Gentium*, que apresentava a doutrina conciliar da Igreja e de Maria. No seu discurso histórico o Papa afirmou:

"A reflexão sobre as estreitas relações de Maria com a Igreja, tão claramente estabelecidas pela hodierna Constituição conciliar, fez-Nos julgar ser este o momento mais solene e apropriado para satisfazer um voto que, já por Nós lembrado ao final da sessão precedente, muitíssimos Padres conciliares fizeram próprio, pedindo instantemente uma declaração explícita, durante este Concílio, da função materna que a Santa Virgem exerce sobre o povo cristão. Para isso julgamos consagrar, nesta sessão pública, um título em honra da Virgem sugerido de diversas partes do mundo católico, e a nós especialmente caro, porque com admirável síntese exprime o lugar privilegiado, reconhecido por este Concílio à Virgem na Santa Igreja. Para glória, pois, da Virgem e para nosso conforto, Nós proclamamos Maria Santíssima *Mãe da Igreja*, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos Pastores que a chamam de Mãe amorosíssima; e queremos que com esse título suavíssimo seja a Virgem doravante ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão" (*AAS, 56 [1964] 1015*).

Com quanta atualidade pode-se relançar essa devoção se considerarmos o interesse com que se vem desenvolvendo, hoje, a sugestiva relação "Maria-Igreja".

Maria, com efeito, é "já" aquilo a que tende a Igreja: é dela a profecia e o fermento. Ajuda a Igreja a realizar a sua função de "segunda Eva" numa maternidade virginal de graça. Assim "o mistério da Igreja se encontra mediante o rosto de Maria. Olhando para Ela, vê-se a Igreja viver: são os seus olhos que explicam os mistérios" (25).

Até um escritor não católico afirma: "pode-se dizer que não existe uma justa visão da Igreja senão onde há um lugar para Maria na fé e na piedade. A renovação da Igreja está estreitamente ligada ao relançamento de uma sadia piedade mariana. Perde-se o sentido da Igreja-Mãe onde se perde o sentido da vocação materna da Virgem Maria" (26).

O seu papel materno representa o fulcro da relação de Maria com a Igreja: ambas existem e são santas em função da maternidade e ambas geram na virgindade.

Há assim um nexo íntimo entre "maternidade" e "evangelização", entre "Maria-Igreja" e "ação apostólica".

Isso tudo resulta significativamente atual para a nossa espiritualidade e tem conseqüências operativas determinantes. Portanto, a devoção à Auxiliadora animada pelo mais vivo sentido eclesial aparece em Dom Bosco como uma escolha doutrinal precursora que liga a "piedade mariana" com o "sentido da Igreja" numa peculiar forma de mútua inseparabilidade e crescimento comum.

— A doutrina da Auxiliadora comporta, como conseqüência necessária, uma *atitude de compromisso operativo* incansável e corajoso que foi, em Dom Bosco, um dos aspectos mais característicos da sua devoção mariana: a Consolata, a Salette, ou a Imaculada Conceição não teriam oferecido uma apropriada exigência prática caracterizante dele e dos numerosos devotos (de modo particular a Família Salesiana) com

(25) M. MAGRASSI, *Maria e la Chiesa una sola Madre*, ed. La Scala, Noci 1976, p. 40.

(26) MAX THURIAN, *Tradition et renouveau dans l'Esprit*, Taizé 1977, p. 193.

a mesma força e a mesma fisionomia apostólica com que os define a Auxiliadora.

O "sentido da Igreja" traduz-se cotidianamente numa consciência ativa de "membro" com uma profunda espiritualidade da ação.

Isso comporta não só uma atitude constantemente generosa de operosidade apostólica em geral, mas um verdadeiro empenho "eclesial"; ou seja, uma operosidade explicitamente guiada pela consciência clara de ser e de agir como membro co-responsável pelo Corpo de Cristo que é a Igreja. Mas a Igreja considerada não em sentido vago, mas sim enquanto "constituída e organizada como sociedade, subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele" (27).

Um compromisso, pois, particularmente definido pela concretitude histórica e situacional da vida católica. Essa opção realista, que pode até levar ao martírio, aproxima-se necessariamente de posições de luta que poderiam assumir, em determinadas situações, também o aspecto de uma opção política; é o que acontece de certo modo, justamente nos anos 60, na Itália das aparições de Espoleto e da queda de Roma. Pois bem, Dom Bosco excele no fazer da devoção à Auxiliadora um compromisso real com a Igreja Católica, evitando sempre transformá-la numa bandeira temporal em prol da revolução ou da anti-revolução do momento.

Para manter tal atitude inspira-se no critério prático característico da "atividade materna", que não é movida por ideologias abstratas mas por exigências vitais, que faz todo o bem que pode ainda que não possa chegar ao ótimo, e que cuida mais do tecido delicado da vida que da elaboração dos grandes programas.

Pode ser sintomático constatar que não há lugar para semelhante atividade vital (e portanto não se encontra elemento de paralelismo com Maria) nas mais famosas ideologias sociais, por exemplo no marxismo, que entretanto mostram coincidências paralelas com a estruturação eclesiástica.

---

(27) *LG* 8.

O realismo pedagógico de Dom Bosco exprimiu mediante a sua devoção mariana uma autêntica "mística da ação", no sentido profundo de S. Francisco de Sales [28], unida permanentemente a uma forte, ainda que por vezes oculta, "ascese da ação".

Por isso permitia-me observar aos Capitulares que a devoção à Auxiliadora "está ligada aos acontecimentos concretos da existência, imerge no curso vivo da história, nos seus labirintos e paixões, mas permanece claramente escatológica (Dom Bosco diria "religiosa"); não se transforma numa "cruzada de cristandade"; sente e participa nas vicissitudes sócio-culturais e nas contínuas organizações novas dos povos no processo ininterrupto de um novo grau de libertação, mas não se faz nunca política; é realista, mas transcendente, em plena sintonia com a missão específica da Igreja" [29].

A Auxiliadora e o carisma salesiano

Dá-se por certo, e isso nos causa profunda gratidão, uma íntima correlação entre a devoção à Auxiliadora e a nossa Vocação salesiana. Não é difícil mostrá-lo, no que concerne à sua origem, em Dom Bosco: Do sonho dos 9 anos nos Becchi até ao de Barcelona em 1886, do catecismo iniciado com Bartolomeu Garelli ao modo com que alcançou a aprovação das Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales, da convicção íntima de Dom Bosco expressa em multíplices afirmações aos fatos prodigiosos por ele realizados. Mas as origens não são senão a primícia da sua realidade total.

O nosso Fundador nos assegura que sem o concurso materno e ininterrupto de Maria, a Vocação Salesiana é inexplicável, no seu nascimento, no seu desenvolvimento, e sempre.

Muitas vezes ele próprio confessou que Nossa Senhora é a "fundadora" e a "sustentadora", e nos garante que "a nossa Congregação está destinada a coisas grandíssimas e

(28) Cf. *Traité de l'amour de Dieu*, lib. 7, c. 7, in *Opera Omnia* V, 29-32.

(29) Cf. *Documentos do CG21* n.º 590.

a espalhar-se pelo mundo inteiro, se os Salesianos forem sempre fiéis às Regras que Maria Santíssima lhes deu" (30).

Deixou até escapar esta exclamação: "Maria nos quer bem demais!" (31)

O P. Rua, o grande "continuador" da vocação de Dom Bosco, que "ensina os Salesianos a permanecerem Salesianos" — como nos disse Paulo VI — (32) acentuou com insistência a relação íntima entre vocação salesiana e devoção à Auxiliadora (33).

Parece-nos particularmente sugestivo sublinhar uma sua interessante observação ao assistir à coroação de Nossa Senhora em Valdocco, a 17 de maio de 1903; após descrever com entusiasmo transbordante a cerimônia, acrescenta: "Não duvido absolutamente que crescendo entre os Salesianos a devoção a Maria Auxiliadora, irá crescendo também a estima e o afeto para com Dom Bosco, e igualmente o compromisso de conservar-lhe o espírito e imitar-lhe as virtudes". (34).

Há, aqui, a intuição claríssima da inter-relação vital que se dá entre a devoção à Auxiliadora e a nossa espiritualidade.

Também o *P. Albera,* ao fazer refletir com sua delicada sensibilidade sobre os aspectos mais espirituais da nossa vocação, insiste na contínua presença de Maria; assim escreve: "falando aos seus filhos espirituais, (Dom Bosco) não se cansava de repetir que a obra que havia empreendido fora-lhe inspirada por Maria Santíssima, que Maria era o seu válido apoio, e que por isso ela nada tinha a temer das oposições dos seus adversários" (35).

Poderia considerar-se particularmente sugestiva, neste argumento, uma alusão sua a S. Francisco de Sales, que é

---

(30) *MB* 17, 511.
(31) *MB* 18, 273.
(32) Homilia de 29 de out. de 1972 na basílica de S. Pedro, durante a cerimônia da beatificação do P. Rua.
(33) Cf. *Lettere circolari,* Torino 1965; p. ex., p. 178, 293-294, 348, 367-368, etc.
(34) *O. c.,* p. 353.
(35) *Lettere circolari,* Torino 1965, p. 285; cf. p. 169, 223, 224, 284, 466, 477, etc.

o grande "mestre da salesianidade" na história da vida espiritual. Ao descrever a magnanimidade quase temerária do nosso Fundador, sobretudo na construção do templo de Valdocco, o P. Albera descobre nessa extraordinária coragem um elemento de "salesianidade": "mostra-se assim, afirma, *discípulo* do nosso S. Francisco de Sales, que deixara escrito 'Conheço plenamente a felicidade que é ser filho, indigno embora, de tão gloriosa Mãe. Confiantes na sua proteção, *fazemos grandes coisas;* se a amarmos com ardente afeto, Ela nos alcançará tudo quanto desejarmos'" (36).

Muito útil seria, sem dúvida, aprofundar o significado e a função da devoção à Auxiliadora na nossa espiritualidade salesiana.

Basta-nos aqui indicar de maneira sucinta alguma sugestão, a fim de melhor inspirar o nosso relançamento mariano.

Sabemos que uma espiritualidade é verdadeiramente tal se chega a formar um todo orgânico, onde cada elemento tem a sua função e o seu colocamento preciso.

Deslocar, ou não considerar, ou suprimir este ou aquele elemento seria começar a estragar tudo.

Ora: a devoção à Auxiliadora é de fato, como vimos, um fator integrante do "fenômeno salesiano" na Igreja porque passa a formar parte vital da sua totalidade. Não teria sentido, antes seria prejudicial, tentar separar a nossa espiritualidade da devoção a Maria Auxiliadora, assim como não se pode separar, porque seria absurdo, Dom Bosco de Nossa Senhora.

A devoção à Auxiliadora é um elemento imprescindível do nosso Carisma; impregna-lhe a fisionomia e vitaliza-lhe os componentes.

Sem uma sadia vitalidade da dimensão mariana, a nossa espiritualidade sofreria em vigor e em fecundidade; ao passo que o cuidado oportuno de um profundo relançamento mariano fará reverdescer toda a vocação salesiana.

---

(36) *O. c.*, p. 286

Basta observar como a nossa devoção à Auxiliadora se acha em estreitíssimo intercâmbio vital tanto com a "missão" salesiana como com o "espírito" próprio do nosso Carisma.

Primeiramente, a sua íntima vinculação com a *missão salesiana:* é Maria, a "Pastorinha" dos sonhos, que lhe indica a índole própria e aponta os destinatários, confiando-nos um campo de "pastoral juvenil"; é a sua característica de Auxiliadora que abre a missão salesiana aos grandes horizontes dos problemas sócio-religiosos de atualidade, e a uma clara escolha de serviço à Igreja universal e de colaboração com os seus Pastores; é a sua bondade materna que inspira a nossa criteriologia pastoral e nos ensina um método de aproximação aos nossos destinatários.

E a sua profunda relação com *o espírito salesiano:* ele encontra em Maria, vista como Auxiliadora, a sua inspiração e modelo. Um espírito centrado na "caridade pastoral", inspirado no amor materno de Nossa Senhora e arraigado no amor materno da Igreja, que implica aguda escuta da iniciativa de Deus, adesão total a Cristo e plena disponibilidade aos seus caminhos; um espírito impregnado de esperança (certo da "ajuda" do Alto) num clima interior de substancial otimismo na avaliação dos recursos naturais e sobrenaturais do homem; um espírito de fecundidade apostólica vivificado pelo zelo pela Igreja; um espírito de operosa iniciativa e maleabilidade apropriado às vicissitudes cambiantes da realidade; um espírito de bondade e de comportamento familiar com a riqueza e simplicidade de atitudes que tem sua sede na sinceridade do coração; um espírito de magnanimidade (como no "magnificat") que tem a humilde ousadia de fazer todo o bem que se pode, mesmo quando parece temerário, deixando-se guiar pela coragem da fé e do bom senso, para além dos extremismos ou perfeccionismos.

Podemos concluir essas observações dizendo que, assim como na vida de Dom Bosco a devoção à Auxiliadora, explicitada na plena maturidade da sua vocação, é ao mesmo tempo o ponto terminal de um itinerário de crescimento e a plataforma de lançamento de todo o seu vasto projeto apostólico, do mesmo modo na espiritualidade salesiana ela

constitui a síntese concreta dos seus vários componentes e a fonte vital do seu dinamismo e da sua fecundidade. Por conseqüência, o que foi na hora da fundação deverá voltar a ser nas horas da refundação.

Concretitude do nosso propósito de relançamento mariano

Renovar uma devoção não significa simplesmente mudar ou intensificar determinadas práticas religiosas. Certamente há que atualizar a nossa piedade mariana, mas para fazer isso é primeiramente necessário garantir os valores fundamentais da nossa fé, os pressupostos doutrinais e a atitude pessoal e comunitária que de aí deriva. A fé e a piedade devem mover-se ao mesmo passo; se é verdade que na piedade vive a fé ("lex orandi, lex credendi"), é também verdade, sobretudo num processo de renovação, que a doutrina da fé deve guiar a piedade ("lex credendi, legem statuat orandi") (37).

Como com justiça se observou: "O reconhecimento do papel da Virgem Maria na história da salvação e na vida da Igreja implica uma piedade que seja conseqüente com a verdade que lhe diz respeito" (38).

Ora, se na devoção à Auxiliadora há aspectos doutrinais característicos, aprofundados e renovados do Vaticano II, será preciso que os conheçamos bem e que deles saibamos fazer derivar também um tom especial de renovação na nossa correspondente piedade.

Isso tocará diretamente os nossos compromissos de relançamento em vários setores de iniciativas práticas.

Não posso, aqui, descer a pormenores; devem eles ser considerados e programados sobretudo localmente. Indico apenas algumas grandes linhas de ação para que sirvam para inspirar e guiar os vários programas.

1.º — *A formação doutrinal* apresenta-se logo como o primeiro elemento por que zelar; devemos rever e atualizar

(37) Cf. encíclica *Mediator Dei* de Pio XII, n.º 38-40.
(38) MAX THURIAN, *O. c.*, p. 197.

a nossa mentalidade e os nossos conhecimentos sobre dois campos complementares:

— sobre a figura de Maria na história da salvação à luz das orientações conciliares;

— e sobre os pressupostos doutrinais do título "Auxilium Christianorum" em relação com a espiritualidade do Carisma de Dom Bosco.

Eis uma vasta tarefa de estudo, divulgação e formação, tanto inicial como permanente.

O nosso Fundador permanece o modelo e o mestre neste campo; lembremos de modo especial os seus escritos sobre a Auxiliadora [39].

2.º — *O culto e a piedade marianos* constituem a vida de uma genuína devoção. Possuímos, para essa renovação, a importante Exortação apostólica *"Marialis Cultus"* de Paulo VI. Tenhamo-la em grande apreço. Lembremo-nos de que nesse campo a Igreja progrediu muito quer no que diz respeito ao culto litúrgico (cf. *primeira parte da MC*, n. 1-23), quer no que se refere mais propriamente à piedade mariana (cf. *segunda parte da MC*, n. 24-39). Saber exprimir a nossa devoção mariana através da participação viva e inteligente no ciclo litúrgico constitui a meta mais significativa e mais pedagógica do nosso relançamento.

Na renovação da piedade mariana o Papa sugere quatro preciosas orientações "que se devem ter presentes ao rever ou criar exercícios e práticas de piedade"; são a orientação bíblica (*MC* n. 30), litúrgica (*MC* n. 31), ecumênica (*MC* n. 32-33), a antropológica (*MC* n. 34-27).

O aprofundamento e aplicação de cada uma dessas orientações exigem uma revisão a fundo do modo com que concretizamos a nossa devoção.

Quanto aos exercícios piedosos (cf. *MC* n. 40-55), além do Terço, queria acrescentar para nós a "bênção de Maria Auxiliadora" composta pelo próprio Dom Bosco e aprovada

---

(39) P. RICALDONE, *Maria Ausiliatrice*, I sei libretti di Don Bosco, LDC 1951, pp. 39-44.

exatamente 100 anos faz pelo papa Leão XIII,[40] a festa de Maria Auxiliadora em maio e a prática tradicional do 24 do mês.

Será além disso necessário incrementar fortemente o significado e o alcance espiritual do Santuário da Auxiliadora em Valdocco.

3.º — *Os grandes horizontes de empenho eclesial,* vistos no realismo de cada situação local, segundo as exigências desta hora tão rica de futuro, devem tornar-se o horizonte em que se move a nossa coragem evangelizadora e a nossa inventiva pastoral. Eis um campo vasto e concreto em que devemos dar uma profunda guinada apostólica, atualizando e nutrindo a nossa mentalidade com os grandes problemas pastorais da Igreja e com as prementes exigências culturais do mundo de hoje, sobretudo em vista da juventude e das classes populares.

Dom Bosco encontrou justamente nessa área o espaço preferido da sua inexaurível operosidade. A devoção à Auxi-

---

(40) A fórmula da bênção foi aprovada pela Sagrada Congregação dos Ritos a 18 de maio de 1878. Julgo oportuno e esclarecedor (e serve também para comemorar-lhe o centenário) transcrever aqui a carta de Dom Bosco ao papa Leão XIII (MB 13, 489):

Beatissimo Padre,

Na tristeza dos tempos em que vivemos parece que Deus quer de diversas maravilhosas maneiras glorificar sua augusta Mãe invocada sob o título de Maria Auxilium Christianorum. *Entre os diversos argumentos há o da eficácia das bênçãos com a invocação desse título glorioso que se costuma dar em diversos lugares, notadamente no santuário a Ela dedicado em Turim.*

Mas para que tais fórmulas sejam estabelecidas e reguladas de acordo com o espírito da S. Igreja, o P. João Bosco, reitor do Santuário e da Arquiconfraria nele ereta, pede humildemente que a fórmula transcrita à parte seja tomada em benévola consideração, examinada, modificada, e onde necessário, corrigida, para que se possa usar ao dar a assim chamada Bênção de Maria Auxiliadora, especialmente no Santuário a Ela dedicado em Turim. Aí acorrem a cada momento os fiéis pedindo a bênção com grande incremento da piedade e muitíssimas vezes com sensível vantagem quanto às suas misérias espirituais e corporais.

A fórmula de que se trata, é uma coleção de jaculatórias já usadas e aprovadas pela liturgia da Igreja, e aqui reunidas para maior glória de Deus e da B. V. Maria.

Turim, 10 de março de 1878.

Sac. Gio. Bosco

liadora deve-nos tornar fermento cristão na construção da nova Sociedade, mediante os jovens e as classes populares.

4.º — Por fim, o *cuidado das vocações* foi em Dom Bosco uma das expressões mais eficazes da sua devoção mariana; a instituição da O. M. A. para as vocações, que lhe era tão cara, serve-nos de sinal e estímulo. Devemos empenhar-nos com Maria em renovar a fundo toda a nossa pastoral vocacional; ela exigirá de nós a reatualização dos grandes valores do Sistema Preventivo e nos ensinará a medir a nossa profundidade espiritual e autenticidade apostólica com o metro das vocações.

Se soubermos animar a Família Salesiana nessas quatro grandes áreas de renovação, e se, juntamente com os vários grupos da Família, soubermos programar uma realização, talvez modesta em si, mas consciente e constante, veremos rejuvenescer e crescer, com o auxílio de Maria, o nosso Carisma na Igreja.

E a Auxiliadora tornar-se-á de fato também o fermento de uma comunhão mais profunda entre os vários ramos salesianos: Ela aparecerá mais explicitamente a "Mãe da Família Salesiana"!

Dom Bosco "não se contentou com amar a Auxiliadora; muito fez por torná-la amada! Existe uma espécie de pacto entre Maria Auxiliadora e a Família Salesiana. Maria ajuda a sua Família e desenvolve-lhe as obras. Por sua vez todos os membros e ramos da Família, cada um à sua maneira, difundem o culto da Auxiliadora entre os adultos e os jovens. É um aspecto do serviço salesiano à Igreja. É o significado da inscrição luminosa que Dom Bosco havia lido na grande igreja dos seus sonhos, e que de fato fez esculpir no frontão da basílica de Turim: '*Haec est domus mea, inde gloria mea;* Esta é a minha casa, de aqui há de difundir-se a minha glória'. A basílica viva somos nós" [41].

E concluo

Caríssimos, o CG21 faz votos por uma verdadeira recuperação da nossa devoção à Auxiliadora; com ela há de

(41) J. AUBRY, *Cooperatori di Dio*, Roma 1977, p. 444.

tornar-se mais genuína e concreta a animação salesiana de que tanta necessidade se sente nas comunidades e com a qual havemos de reatualizar o Carisma do nosso Fundador.

Peço aos Irmãos de todas as casas que estudem localmente as possibilidades e os métodos, e empenho os Inspetores com os seus Conselhos a inserirem acurada pastoral mariana nas programações inspetoriais, em diálogo também com os outros grupos da Família Salesiana, especialmente com as FMA.

Um crescimento imediato da devoção à Auxiliadora dará novamente a todos oxigênio e esperança e trará verdadeiro proveito à Igreja. "Ao homem contemporâneo — lembra-nos Paulo VI —, não raro atormentado entre a angústia e a esperança, prostrado pelo conhecimento das suas limitações e assaltado por aspirações sem limites, perturbado na alma e dividido no coração, com a mente suspensa ante o enigma da morte, oprimido pela solidão apesar de tender à comunhão, presa da náusea e do fastio, a bem-aventurada Virgem Maria, contemplada nos eventos evangélicos e na realidade que já possui na cidade de Deus, oferece uma visão serena e uma palavra tranqüilizadora: a vitória da esperança sobre a angústia, da comunhão sobre a solidão, da paz sobre a perturbação, da alegria e da beleza sobre o tédio e o fastio, das perspectivas eternas sobre as temporais, da vida sobre a morte" (42).

Caríssimos, voltemos a ouvir hoje, como dirigida a nós, uma das últimas recomendações de Dom Bosco: "A Santíssima Virgem Maria continuará certamente a proteger a nossa Congregação e as obras salesianas, se continuarmos a confiar nela e a promover-lhe o culto" (43).

Prometemos a Dom Bosco que de fato o havemos de fazer com filial capacidade de agir, imitando-lhe a grande confiança e a operante ousadia.

Saúdo-vos cordialmente, dando-vos com alegria a bênção de Maria Auxiliadora.

P. Egídio Viganó
Reitor-Mor

---

(42) *MC* 57.

(43) Do "Testamento spirituale" em *Scritti spirituali*, J. Aubry, vol. 2.°, pp. 278-279.

APÊNDICE

ATTI DELL'ACCADEMIA MARIANA SALESIANA

Vol. I. - L'AUSILIATRICE NEL DOMMA E NEL CULTO

Relações apresentadas no Congresso mariológico internacional, Roma 1950, Biblioteca do Salesianum, n. 13, Società Editrice Internazionale, Turim 1950, pp. 160.

Conteúdo:

D. Bertetto, Valore sociale del titolo Maria Auxilium Christianorum, pp. 3-34.

P. Brocardo, S. Giovanni Bosco apostolo del titolo Auxilium Christianorum, pp. 35-90.

L. Càstano, Il culto liturgico del titolo Auxilium Christianorum, pp. 91-107.

C. Leoncio da Silva, Maria Ausiliatrice della Chiesa nella cristiana educazione della gioventù, pp. 108-125.

G. Gnolfo, Il titolo Auxilium Christianorum nell'archeologia, pp. 126-139.

L. Fiora, La Madonna Aiuto della Sede Apostolica nel secolo XIX, pp. 140-147.

Vol. II. - L'AUSILIATRICE DELLA CHIESA E DEL PAPA

Relações comemorativas para o cinqüentenário da Coroação de Maria Auxilium Christianorum na sua Basílica de Turim, 1903 - 17 de maio - 1953, com Prefácio autógrafo de Pio XII e muitas ilustrações, Società Editrice Internazionale, Turim, 1953, pp. 294.

Conteúdo:

Dedica di San Giovanni Bosco, 1.

L'augusto messaggio autografo di S.S. Pio XII, pp. 3-5.

Sua Eminenza Benedetto Aloisi Masella, Vescovo suburbicario di Palestrina, Protettore della Società Salesiana, Il Presidio della Cristianità, pp. 7-8.

Sua Eminenza Maurilio Fossati, Arcivescovo di Torino, La Corona vivente dell'Ausiliatrice, pp. 9-10.

R. Ziggiotti, Rettor maggiore della Società Salesiana, L'Ausiliatrice della Chiesa e del Papa, pp. 11-16.

L. Lucotti, Superiora Generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice, Monumento vivo e perenne di riconoscenza, pp. 17-18.

L. Gedda, Presidente dell'Azione Cattolica Italiana, Maria Auxilium Christianorum palladio della Civiltà Cristiana nei nostri tempi, pp. 19-23.

C. Balič O.F.M., Maria Auxilium Christianorum Patrona della Chiesa, pp. 27-36.

T. Gallus S.J., La mediazione sociale di Maria nella S. Scrittura, pp. 37-50.

G. Roschini O.S.M., I fondamenti teologici del titolo Auxilium Christianorum, pp. 51-56.

L. Càstano S.D.B., La festa di Maria Auxilium Christianorum nella liturgia latina (24 maggio), pp. 57-62.

D. Bertetto, Il Patrocínio di Maria sulla Chiesa nella testimonianza dell'Oriente cristiano, pp. 63-76.

C. Mindera, Origine e sviluppo del culto di Maria Auxilium Christianorum in Germania, pp. 77-90.

G. Quadrio, La mediazione sociale di Maria nel magistero di Pio XII, pp. 91-125.

A. Auffray, Maria Ausiliatrice e Don Bosco, pp. 129-136.

I. Faure, Il soprannaturale mariano nella vita e nelle opere di S. Giovanni Bosco, pp. 137-150.

C. Genghini F.M.A., L'aiuto di Maria nella fondazione dell'Istituto delle "Figlie di Maria Ausiliatrice", pp. 151-156.

P. Brocardo, Don Bosco teologo popolare dell'Ausiliatrice, pp. 157-168.

T. Savaré, Maria Ausiliatrice e il Papa nel pensiero di S. Giovanni Bosco, pp. 169-180.

F. Giraudi, Il tempio di Maria SS. Ausiliatrice in Torino, pp. 181-188.

G. Crida, Pittore, Il quadro di Maria Ausiliatrice, pp. 189-190.

P. Zerbino, L'Incoronazione di Maria Ausiliatrice, pp. 191-208.

A. Stickler, L'Associazione dei Divoti di Maria Ausiliatrice, eretta nella sua Basilica di Torino, pp. 209-214.

A. Cuva, La Benedizione di Maria Ausiliatrice, pp. 215-22.

G. Geenen O.P., L'Apostolo dell'Ausiliatrice e il S. Rosario, pp. 223-231.

Mons. Salvatore Rotolo, Il tempio di Maria SS. Ausiliatrice in Roma, pp. 235-242.

Mons. Marcellino Olaechea, Il culto di Maria Ausiliatrice nella Spagna, pp. 243-248.

Mons. Riccardo Pittini, La devozione di Maria Ausiliatrice nelle Americhe, pp. 249-260.

Mons. Francesco De Aquino Corrêa, Maria Auxilium Christianorum il Brasile, pp. 261-266.

Mons. Luigi Mathias, L'Ausiliatrice in India, pp. 267-270.

Mons. Michele Arduino, L'Ausiliatrice in Cina, pp. 271-274.

Mons. Pietro Carretto, Culto di Maria SS. Ausiliatrice in Siam, pp. 275-278.

Mons. Vincenzo Cimatti, Il culto di Maria Ausiliatrice promosso dai Salesiani in Giappone, pp. 279-282.

G. Favini, I Cooperatori Salesiani e il culto a Maria Ausiliatrice, pp. 283-287.

Vol. III. - L'IMMACOLATA AUSILIATRICE

Relações comemorativas do Ano Maria de 1954, Società Editrice Internazionale, Turim, 1955, pp. 435.

Conteúdo:

Dedica di San Giovanni Bosco, p. 5.

Card. Tommaso Gilroy, La ragione della nostra speranza, pp. 7-8.

Card. Ildefonso Schuster, Un sogno profetico di Don Bosco, pp. 9-14.

R. Ziggiotti, L'Immacolata Ausiliatrice, pp. 15-18.

Mons. G. Gremigni, L'Immacolata, luce, speranza del mondo, pp. 21-40.

G. Quadrio, L'Immacolata e la Chiesa nell'insegnamento di Pio XI, pp. 41-64.

G. Corallo, La devozione all'Immacolata nell'educazione cristiana della gioventù, pp. 65-80.

E. Valentini, L'Immacolata nella missione educativa di San Giovanni Bosco, pp. 81-100.

E. Valentini, Don Bosco e la devozione al Cuore Immacolato di Maria, pp. 101-112.

L. Càstano, L'Immacolata nella vita e nella missione educativa di Santa Maria Domenica Mazzarello, pp. 113-127.

D. Bertetto, La Mediazione sociale di Maria SS. secondo i Padri della Chiesa, pp. 131-180.

G. Quadrio, La Mediazione sociale di Maria SS. nel magistero di San Pio X, pp. 181-202.

C. Mindera, L'origine della divozione a Maria Ausiliatrice in Germania e la sua diffusione in Italia per mezzo della Confraternita di Monaco, pp. 203-238.

P. Brocardo, "L'Ausiliatrice di Spoleto" e Don Bosco, pp. 239-272.

E. Fogliasso, Maria Ausiliatrice nella fondazione della Congregazione Salesiana, pp. 273-298.

A. Stickler, L'Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice, pp. 299-312.

E. Valentini, Pedagogia mariana, pp. 313-324.

N. Camilleri, La divozione mariana nel Santo adolescente Domenico Savio, pp. 325-340.

A. Gennaro, La spiritualità mariana delle Figlie di Maria Ausiliatrice, pp. 341-362.

Mons. D. Comin, L'incoronazione Pontificia di Maria Ausiliatrice a Cuenca (Ecuador), pp. 363-378.

S. Fels, L'Ausiliatrice a Pechino baluardo di ortodossia, pp. 379-382.

Mons. J. Mc Govern, Il culto di Maria Ausiliatrice in Australia, pp. 383-386.

E. Ferreyra Videla, Lo sviluppo della divozione a Maria Ausiliatrice in Argentina, pp. 387-392.

Pio XII decreta il titolo di Basilica minore al Santuario di Maria Ausiliatrice in Niterói (Brasile), pp. 397-400.

Mons. S. Ferrando, Maria Ausiliatrice Patrona dell'Assam, pp. 401-402.

Maria Ausiliatrice proclamata da Pio XII Patrona principale della diocesi di San Vicente nella Repubblica di San Salvador, pp. 403-406.

L'incoronazione di Maria Ausiliatrice nella città di Siviglia, pp. 407-410.

A. Keogh - E. Fox, La divozione a Maria Ausiliatrice, pp. 411-416.

Il voto del Congresso Mariologico Internazionale del 1950 per l'estensione della festa liturgica del 24 maggio alla Chiesa Universale, pp. 417-420.

Attività scientifica dell'Accademia Mariana Salesiana nell'Anno Mariano, pp. 421-424.

Statuto dell'Accademia Mariana Salesiana, pp. 425-426.

Elenco dei Soci dell'Accademia Mariana Salesiana, pp. 427-429.

Atti dell'Accademia Mariana Salesiana, p. 431.

Vol. IV. - L'IMMACOLATA E S. GIOVANNI BOSCO

Estudo histórico-teológico do *P. Bertetto* sobre a presença de Maria Imaculada na vida, nas obras e no apostolado educativo de São João Bosco. Prefácio do P. Eugênio Ceria, Società Editrice Internazionale, Turim, 1955, pp. 115.

Vol. V. - LA MEDIAZIONE SOCIALE DI MARIA SS. NEL MAGISTERO PONTIFICIO

Estudo positivo do *P. José Quadrio* sobre os testemunhos do Magistério Pontifício de Gregório XVI a Pio XII sobre a mediação de Maria em favor da Igreja Católica e do seu Chefe visível, Società Editrice Internazionale, Turim 1955, p. 290.

Vol. VI. - RELAZIONI COMMEMORATIVE DEL CENTENARIO LOURDIANO, Biblioteca del Salesianum n. 54 Società Editrice Internazionale, Torino, 1958, p. 207.

Conteúdo:

E. Valentini, L'Accademia mariana salesiana, pp. 5-20.

A. Javierre, "Caeci vident" il miracolo nella vita di Gesù e della Chiesa con speciale considerazione dei miracoli di Lourdes, pp. 21-54.

G. Quadrio, L'insegnamento mariano di Papa Gregorio XVI (1831-1846), pp. 55-74.

Gl. Quadrio, Maria Mediatrice e la Chiesa nell'insegnamento del Papa Benedetto XV, pp. 75-108.

D. Bertetto, Maria nell'insegnamento di Pio XI, pp. 109-160.

P. Stella, I tempi e gli scritti che prepararono il "Mese di Maggio" di Don Bosco, pp. 161-207.

Vol. VII. - AIUTO DEI CRISTIANI E MADRE DELLA CHIESA

No centenário da consagração da sua Basílica de Turim, 1868 — 9 de junho — 1969, Libreria Ateneo Salesiano, Piazza Ateneo Salesiano, 1 — 00139 Roma, 1968, pp. 200.

Conteúdo:

Prefazione del Rettor Maggiore dei Salesiani, p. 5.

Presentazione, p. 7.

G. Söll, La devozione mariana è ancora attuale? pp. 11-28.

D. Bertetto, Maria Aiuto dei Cristiani e Madre della Chiesa nella luce de Concilio Vaticano II, pp. 29-87.

E. Valentini, "Hic domus mea..." Storia del Santuario di Maria Ausiliatrice in Torino (1868-1968), pp. 89-161.

L. Càstano, Gloria dell'Ausiliatrice le Famiglie religiose istituite da Salesiani, pp. 163-188.

L'Accademia Salesiana Mariana, pp. 189-196.

Atti dell'Accademia Mariana Salesiana, p. 197.

Vol. VII. - La Madonna nella nostra vita

A devoção mariana na sua natureza e na sua prática, Libreria Ateneo Salesiano, Piazza Ateneo Salesiano, 1 — 00139, 1971, pp. 397.

Conteúdo:

Presentazione, p. 5.

A. Barucq, La figure de Marie, mère du Sauveur, dans l'Ecriture, pp. 7-28.

A. Barucq, La figura di Maria, Madre del Salvatore, nella Sacra Sscrittura (versione), pp. 29-50.

D. Bertetto, La devozione mariana promossa dal Concilio Vaticano II, pp. 51-82.

G. Söll, Die theologischen Grundlagen der Marienverehrung, pp. 71-82.

G. Söll, Fondamenti teologici del culto mariano (versione), pp. 83-94.

P. Ceresa, La devozione mariana nella vita e nello sviluppo della triplice Famiglia Salesiana, pp. 95-152.

L. Càstano, Don Rua, devoto e apostolo della Madonna, pp. 153-178.

J. Aubry, La dévotion mariale dans la vie religieuse salésienne, pp. 179-198.

J. Aubry, La devozione mariana nella vita religiosa salesiana (versione), pp. 199-218.

L. Dalcerri, FMA, La Madonna nella vita e nell'apostolato della religiosa educatrice, pp. 219-238.

L. Macario, La devozione mariana e nel gioventù, oggi, pp. 239-268.

L. Macario, La devozione mariana nel rinnovamento liturgico odierno, pp. 269-310.

Q. Cuva, Il culto mariano nel rinnovamento liturgico odierno, pp. 269-310.

V. Bellone, La musica nella devozione mariano, pp. 311-324.

N. Vitone, Omaggio mariano di un musicista contemporaneo: "La vita di Maria" di Nino Rota. Annotazioni in chiave di musica liturgica post-conciliare, pp. 325-348.

V. Del Mazza, La predicazione mariana, pp. 349-382.

Appendice: L'Accademia mariana salesiana, pp. 383-396.

Vol. IX. - LA VITA SALESIANA OGGI NELLA LUCE DI MARIA

23 Conferências do *P. Bertetto* sobre a vida e a missão salesiana, segundo as Regras renovadas no Capítulo Geral Especial, Libreria Ateneo Salesiano, Piazza Ateneo Salesiano, 1 — 00139 Roma, 1973, pp. 350.

Vol. X. - LA MADONNA OGGI. SINTESI MARIANA ATTUALLE

O P. Bertetto expõe a doutrina mariana do Concílio Vaticano II, ulteriores complementos e desenvolvimentos do Magistério pontifício e da Mariologia pós-conciliar, Libreria Ateneo Salesiano, Piazza Ateneo Salesiano 1 — 00139 Roma, 1975, pp. 463.

Vol. XI. - MARIA AUSILIATRICE E LE MISSIONI

No centenário das Missões Salesianas, Libreria Ateneo Salesiano, Piazza Ateneo Salesiano 1 — 00139 Roma, 1977, pp. 364.

Conteúdo:

Presentazione, p. 5.

G. Masson S.J., La Vergine Maria nella riflessione missiologica moderna, pp. 9-16.

D. Bertetto, Maria SS. e le Missioni, pp. 17-34.

G. Masson, L'Incarnazione del Verbo da Maria Vergine, luce sulla Missione, pp. 35-40.

F. Laconi, L'ideale missionario alla luce della Bibbia, pp. 41-96.

A. Charbel, Pentecoste: proclamazione della Chiesa missionaria nel segno dello Spirito e con la preghiera di Maria, pp. 97-114.

B. Bagatti O.F.M., Maria nella prima espansione missionaria della Chiesa in Palestina, pp. 115-122.

Mons. Ant. Javierre, Mariologia e Ecumenismo, pp. 123-144.

G. Söll, Maria nell'odierno messaggio missionario della Chiesa, pp. 145-150.

P. Gheddo, L'animazione missionaria oggi alla luce di Maria, pp. 151-158.

E. Valentini, Maria Ausiliatrice agli inizi delle Missioni Salesiane. Documentazione, pp. 161-218.

D. Francesco Laconi, La Congregazione salesiana missionaria e mariana nella Chiesa missionaria e mariana, pp. 219-254.

E. Valentini, L'intervento dell'Ausiliatrice all'inizio della missione dei Bororos, pp. 255-280.

AA.VV., La presenza di Maria Ausiliatrice nelle Missioni Salesiane oggi, pp. 281-312.

L. Càstano, I Venerabili Luigi Versiglia, Vescovo titolare di Cáristo e Callisto Caravario Sacerdote, Martiri, nel Vicariato Apostolico di Shiu Chow (Cina), pp. 313-332.

D. Bertetto, Pedagogia mariana, salesiana e missionaria. Documentazione, pp. 333-360.

Nomeações

1. Uma das incumbências do CG21 foi a eleição dos membros do Conselho Superior.

Os capitulares escolheram:

a) a 15 de dezembro de 1977, o P. EGÍDIO VIGANÓ, até então conselheiro para a formação salesiana, para REITOR-MOR DA SOCIEDADE SALESIANA.

b) a 19 de dezembro de 1977, o P. CAETANO SCRIVO VIGÁRIO DO REITOR-MOR, cargo que já ocupava no sexênio passado.

c) a 21 de dezembro de 1977,

o P. JUVENAL DHO, anteriormente conselheiro para a Pastoral Juvenil, para CONSELHEIRO PARA A FORMAÇÃO DO PESSOAL SALESIANO.

o P. JOÃO VECCHI, anteriormente conselheiro regional para a zona atlântica da América Latina, para CONSELHEIRO PARA A PASTORAL JUVENIL.

o P. JOÃO RAINERI, CONSELHEIRO PARA A FAMÍLIA SALESIANA; antes era conselheiro para a pastoral dos adultos e comunicações sociais.

o P. BERNARDO TOHILL, CONSELHEIRO PARA AS MISSÕES.

o P. RUGGIERO PILLA, ECÔNOMO GERAL.

o P. TOHILL e o P. PILLA já ocupavam estes cargos no sexênio anterior.

d) a 27 de dezembro de 1977 os Capitulares procederam à eleição dos novos Conselheiros Regionais:

o P. ANTÔNIO RICO, Inspetor de Madri (Espanha): Conselheiro para a região ibérica;

o P. JORGE WILLIAMS, anteriormente conselheiro regional para a Ásia e para as inspetorias de língua inglesa: Conselheiro regional para a região de língua inglesa.

o P. PAULO NATALI, Inspetor da Ligure-Toscana: Conselheiro regional para a Itália e o Oriente Médio.

o P. Rogério Van Severen, da Inspetoria do norte da Bélgica: Conselheiro para a Europa Central,

o P. Sérgio Cuevas, Inspetor do Chile, Conselheiro regional para a América Latina - região Pacífico-Caribe.

o P. Tomás Panakezham, da Inspetoria de Madrasta (Índia), Conselheiro regional para a Ásia.

o P. Walter Bini, Inspetor de Campo Grande (Brasil), conselheiro regional para a América Latina - região Atlântica.

2. *O Reitor-Mor membro da S. Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares*

L'Osservatore Romano de 14 de março trazia a seguinte informação: "O Sumo Pontífice, Paulo VI inscreveu entre os membros da S. Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, por um quinqüênio, o Rev.mo Sr. P. Egídio Viganó, Reitor-Mor da Sociedade salesiana de S. Francisco de Sales".

3. A 5 de maio de 1978 o Conselho Superior nomeava o novo PROCURADOR GERAL: P. Lüís Fiora, anteriormente conselheiro regional para a região Itália-Oriente Médio. Assumirá também o cargo de POSTULADOR GERAL para as causas de beatificação dos nossos santos.

4. *Novos Inspetores.* O Reitor-Mor nomeou também alguns Inspetores:

P. José Nicolussi, para a Inspetoria do Chile.
P. Carlos Techera, para a Inspetoria do Uruguai.
P. José Zen, para a Inspetoria de Hong-Kong.
P. Cosme Robredo, para a Inspetoria de Madri.
P. Henrique Biesmans, para a Inspetoria do norte da Bélgica.
P. José Winkler, para a Inspetoria de Campo Grande.
P. Luciano Odorico, para a Inspetoria de Caracas.
P. Leandro Rossa, para a Inspetoria de Porto Alegre.

5. O P. Décio Teixeira, ex-Procurador Geral, foi eleito Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

6. *L'Osservatore Romano* de 22 de janeiro de 1978 trazia a seguinte notícia: Dom Emílio Vallebuona, bispo titular de Numana e auxiliar do arcebispo de Piura (Peru) foi eleito bispo da sede de Huaraz (Peru).

7. A 30 de abril passado S. Em.ª o card. Raul Silva Henriquez, arcebispo de Santiago do Chile, recebia na Yale-University (E.U.A.) a láurea "honoris causa" em ciências sociais.

Notícias missionárias

1 — NOVOS MISSIONÁRIOS - 1977

Havia-se preparado em 1977 uma expedição de 45 Salesianos para as Missões. Na realidade somente 37 haviam partido até 31 de dezembro (19 sacerdotes, 6 coadjutores e 12 clérigos = 19..6.12). Lamentavelmente oito estão ainda à espera do "visto" para seguir para a sua missão.

Os NOVOS MISSIONÁRIOS provêm de:

Áustria 1 (1.0.0.), Bélgica 4 (2.0.2.), França 1 (0.1.0.), Índia 5 (1.0.4.), Irlanda 3 (2.0.1.), Itália 11 (8.2.1.), Polônia 2 (2.0.0.), Portugal 3 (1.0.2.), Espanha 6 (2.3.1.), Estados Unidos 1 (0.0.1.).

Deles 19 (12.4.3.) foram enviados à América Latina, 11 (6.2.3.) à África e 7 (1.0.6.) à Ásia.

Cinco foram para a Argentina e outros tantos para a África Central; quatro para a Índia e quatro para o Paraguai; três para a Polônia e três para o Brasil; dois para a África do Sul e dois para Macau; e um para cada uma das seguintes nações: Cabo Verde, Colômbia, Equador, Egito, Haiti, Costa de Marfim, Filipinas, São Domingos, e Swaziland.

A Bélgica (norte), Madrasta (Índia) e a Inspetoria Subalpina enviaram quatro missionários cada uma.

A Irlanda, a Inspetoria adriática e Portugal, três cada uma; León e Valência (Espanha) dois cada uma; ao passo que cada uma das seguintes Inspetorias enviou um missionário: Áustria, Lyon, Calcutá, Central, Lombarda, Novarese-Helvética, Romano-Sarda, Lodz, Cracóvia, Bilbau, Sevilha e New Rochelle.

Os missionários provêm de 10 Nações e 19 Inspetorias diversas, e foram enviados a 16 Inspetorias missionárias de 19 diferentes Nações.

2 — ÁFRICA

O CG21 quis que a Congregação fizesse maiores esforços no sentido de fornecer pessoal missionário à África.

O Dicastério para as Missões já recebeu pedidos de pessoal de 23 Dioceses de 21 Nações Africanas.

Vê-se por aí a grande necessidade de pessoal missionário naquele Continente. O mesmo acontece com muitas Missões e Inspetorias da América Latina.

Infelizmente e a contragosto não pudemos atender esses pedidos e expectativas. O pessoal à nossa disposição é imensamente inferior às necessidades.

Se alguém quiser apresentar-se para trabalhar na África dirija o seu pedido diretamente ao Reitor-Mor.

3 — UMA NOVA PUBLICAÇÃO

Havia muitos anos que o Dicastério para as Missões desejava publicar um elenco completo de todos os Irmãos falecidos, que regressaram à pátria ou que continuaram e continuam a trabalhar em terras de Missão. Pediu-se a cooperação das Inspetorias (cf. *Carta circular aos Inspetores* de 15.9.1975). Pareceu-nos conveniente não adiar por mais tempo a divulgação do que até agora conseguimos, e assim o Dicastério, embora consciente de que este primeiro esboço é incompleto, pensou em publicá-lo "Pro Manuscripto" em dois pequenos volumes. O primeiro intitula-se: *"Salesiani in Terra di Missione"*, o segundo: *"Missionari salesiani rimpatriati e defunti"*.

Enviaram-se cópias a todos os Inspetores e a todas as Casas da Itália. A eles e a todos os Irmãos o Dicastério renova o convite expresso na apresentação do 2.º volume, isto é, "que ficaríamos agradecidos a todos quantos nos ajudarem com observações, correções e sugestões para melhorar a edição".

Solidariedade fraterna (25.ª relação)

a) INSPETORIAS DONDE PROVIERAM OFERTAS	Liras
AMÉRICA	
Brasil, Belo Horizonte	4.425.000
Bolívia	3.520.000
América Central	1.305.000
Estados Unidos	5.000.000

ÁSIA

Índia, Madrasta	1.500.000
Oriente Médio	174.000

EUROPA

Inglaterra	1.550.000
Itália, Central	200.000
Itália, Meridional	500.000
Itália, São Marcos	7.264.220
Itália, Universidade Pontifícia Salesiana	300.000
Holanda	13.370.000
Antecipação do Dicastério para as Missões	500.000
Total das ofertas que chegaram entre 20.9.1977 e 18.2.1978	39.608.220
Saldo caixa anterior	42
Quantia disponível a 28.2.1978	39.608.262

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

ÁFRICA

Quênia, Nairobi: para uma nova congregação de Irmãs	500.000

AMÉRICA

Antilhas, Haiti: para a promoção vocacional	1.000.000
Brasil, Manaus: Vilhena, para uma pequena escola missionária	500.000
Colômbia, Bogotá: para o Movimento Juvenil "Hombres del Mañana"	1.000.000
Colômbia, Bogotá: para um instrumento musical	106.200
Equador, Sucua: para a impressão de livrinhos de apostolado	1.000.000
Equador, Paute: para urgentes necessidades dos indígenas	1.000.00
Equador, Paute: para o internato e escola agrícola (Holanda)	3.438.000
Equador, Cuenca: para a pastoral juvenil no Oratório	500.000
Equador, Quito: a uma FMA para a escola de datilografia	600.000
México, Mixes: atendimento de um missionário num hospital (Insp. Vêneta São Marcos)	2.875.000
Paraguai, Puerto Casado: para o salão paroquial	1.000.000

ÁSIA

Filipinas, Tondo, para várias necessidades urgentes (da Holanda)	1.146.000
Índia, Calcutá: para o internato dos indígenas em Azimgunj (da Holanda)	3.438.000
Índia, Calcutá: para a manutenção de irmãos na Birmânia (Vêneta - São Marcos)	2.875.000
Índia, Gauhati: Wokha, para um meio de transporte	1.000.000
Índia: Gauhati, Maligaon, para uma escola técnica - aspirantado	1.000.000
Índia, Gauhati: Mawhati, para as vítimas da carestia	1.000.000
Índia, Shilong: paróquia da catedral, para uma capelinha	800.000
Índia, Madrasta: para as vítimas do ciclone, Andhra Pradesh	3.000.000
Índia, Madrasta: D'Castor Road, para uma capelinha	650.000
Índia, Madrasta: para uma igrejinha de um convento em Poonamallee	1.000.000
Índia, Madrasta: bolsa para um seminarista em Poonamallee	1.000.000
Índia, Madrasta: para o aspirantado, Kandy-Sri Lanka	2.292.000
Índia do Sul: para um Ashram danificado pelo ciclone	200.000
Tailândia: para a capela e biblioteca do estudantado	1.000.000

EUROPA

Itália, a uma FMA entre os marginalizados de Ostia	300.000
Jugoslávia, Ljubljana: para a pastoral vocacional	1.000.000
Polônia, Lodz: para a pastoral vocacional	1.000.000
Para a Igreja que sofre	300.000
Total das quantias que chegaram entre 20.9.1977 e 28.2.1978	39.576.200
Saldo em caixa	32.062
Total em liras	39.608.262

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNA

Quantias que chegaram até 28.2.1978	626.295.251
Quantias distribuídas no mesma data	626.263.189
Saldo em caixa	32.062

1.ª Relação

Coad. Adalberto Szymczak

* Bilczew (Polônia) 5-4-1902, † Marszalki (Polônia) 7-10-1977 aos 75 anos, 53 de profissão.

Foi ecônomo em várias casas aplicando a sua perícia e experiência aos problemas agrícolas e econômicos: distinguiu-se sempre pela serenidade de espírito e exemplar laboriosidade, duas características que fizeram dele um verdadeiro filho de Dom Bosco.

P. Adão Alvarado

* em Zaragoza de Palmares (Costa Rica) 24-8-1925, † San José (Costa Rica) 4-9-1977 aos 52 anos, 32 de profissão, 21 de sacerdócio.

Uma dolorosa doença, aceita cristãmente, com ânimo forte e sereno, purificou-o e enriqueceu de méritos pelo espaço de um ano e meio. De caráter manso, sincero, humilde e grande trabalhador, consagrou-se totalmente à missão de educador salesiano, com acentuada preferência pelo trabalho pelas vocações. Por elas ofereceu as dores dos seus últimos dias, recusando medicamentos que lhe diminuíssem os espasmos de um sarcoma ósseo generalizado.

P. Alcides Lanna Cotta

* Barra Longa (MG - Brasil) 14-5-1891, † Belo Horizonte 10-9-1977 aos 86 anos, 66 de profissão, 58 de sacerdócio. Foi por 18 anos Diretor e por 7 Inspetor.

Viveu plenamente a sua vocação de salesiano educador e apóstolo. Nos 23 anos de Cachoeira do Campo, como clérigo, catequista e conselheiro, conquistou a confiança e a amizade profunda dos seus alunos, que ainda o lembram como professor e sábio educador. Ao ser erigida a Inspetoria de Belo Horizonte foi escolhido para ser o primeiro Inspetor.

Pelos seus méritos insignes como educador e sacerdote zeloso foi agraciado por Paulo VI com a comenda "Pro Ecclesia et Pontifice" e pelo governo de Minas Gerais com a medalha "dos Inconfidentes".

P. Afonso Arboleda

* em Pitalito (Colômbia) 8-8-1918, † em Bogotá 19-9-1977 aos 59 anos, 41 de profissão, 33 de sacerdócio.

Sua vocação amadureceu no colégio Leão XIII de Bogotá, onde fez depois o tirocínio prático. Consagrou quase toda a sua vida

sacerdotal à escola. Seu vivo sentido da "sequela Christi" levou-o, porém, em determinado instante, a uma opção radical quando se transferiu para o leprosásio de Agua de Diós e, ao depois, para a Prefeitura Apostólica do Ariari. Entretanto aí ficou apenas alguns meses: uma doença improvisa obrigou-o a voltar a Bogotá, onde serenamente foi ao encontro da morte, edificando os Irmãos pela piedade e vivo espírito de fé.

Coad. Albino Dalvit

* em Maipú (Mendoza) 14-5-1894, † Alta Gracia (Argentina) 31-10-1977 aos 83 anos, 63 de profissão.

Viveu grande parte da sua vida na escola agrícola de Rodeo del Medio como técnico enólogo. Muitas gerações de jovens apreciaram nele o salesiano bom, generoso, piedoso e trabalhador, mestre competente na sua arte. Até ao fim da vida irradiou sempre ao seu redor ardente devoção a N. Senhora e à Eucaristia.

P. Alfredo Gullotti

* Reggio Calabria (Itália) 29-5-1917, † Reco (Gênova) 4-1-1978 aos 60 anos, 40 de profissão, 33 de sacerdócio.

Capaz de intuições profundas, volitivo, exato no magistério, procurou sempre em tudo o aspecto mais verdadeiro, ainda que menos vistoso. Por sete anos suportou as dores de uma doença incurável, amparado sempre pela virtude da esperança que lhe infundia serenidade e vivo desejo da casa do Pai.

P. Alfredo Osorio

* Santiago (Chile) 27-12-1940, onde † 10-9-1977 aos 37 anos, 17 de profissão, 9 de sacerdócio.

Jovem sacerdote, amante da música, da pintura, do canto, realizou um entusiástico e zeloso apostolado entre os escoteiros. Um doloroso e prolongado sofrimento coroou-lhe a consagração sacerdotal tornando-o participante do sacrifício e da Páscoa de Cristo. Deixa em todos os seus jovens a inesquecível lembrança da sua amizade, da sua generosidade, da sua serena alegria.

P. Alfredo Piotrowicz

* em Strzebielin (Polônia) 3-4-1925, † Varsóvia 8-11-1977 aos 52 anos, 30 de profissão 22 de sacerdócio.

Trabalhou por 17 anos na pastoral, por 5 na casa de Noviciado, distinguindo-se pelo espírito de alegria e entusiasmo em toda atividade

apostólica. Confessor e pregador apreciado, deixa em todos a lembrança do seu sereno e generoso serviço, de profunda piedade mariana, de uma vida religiosa e sacerdotal verdadeiramente exemplar.

P. Alonso Tomaso

* em Mudá (Espanha) 29-12-1915, † Baracaldo-Cruces (Espanha) 7-9-1977 aos 62 anos, 45 de profissão, 36 de sacerdócio.

Homem simples, jovial, sacerdote zeloso e piedoso, dedicou toda a sua vida ao ensino e à atividade vocacional. Dotado de um caráter aberto, otimista, tirava de suas anomalias físicas motivo para alegrar os outros. Mesmo numa conversa lépida sabia inserir com estilo espontâneo e cordial uma palavra formativa, um pensamento espiritual: muitas vocações floreceram e amadureceram graças ao seu zelo sacerdotal e ao seu coração de apóstolo.

Dom Antônio Baraniak

* em Sebastianowo (Palônia) 1-1-1904, † Poznam (Polônia) 13-8-1977 aos 73 anos, 56 de profissão, 47 de sacerdócio. Foi por 6 anos Bispo Auxiliar de Gniezno, e por 20 Arcebispo de Poznam.

Secretário do Card. Hlond, partilhou com ele os anos difíceis de exílio durante a segunda guerra mundial. Continuou a sua atividade a serviço do Card. Wyszynski, sucessor do Card. Hlond. Consagrado Bispo em 1951, foi por 6 anos chefe do escritório do Primaz em Varsóvia. Preso por causa da sua corajosa atitude de respeito aos direitos da Igreja, sofreu três anos de cárcere. Em 1957 foi nomeado arcebispo de Poznam. Seu longo ministério pastoral mereceu estima e respeito à autoridade da Igreja, trouxe grandes vantagens para os fiéis, especialmente para os jovens, que ele amou preferencialmente com amor profundo, cuidando, mesmo à custa de grandes sacrifícios, de sua educação cristã ameaçada pela educação materialista. Esforçou-se por levar a efeito os decretos do Vaticano II com sabedoria, diligente empenho, coração de Pastor. Orgulhava-se de ser filho de Dom Bosco e aproveitava qualquer ocasião para demonstrar a sua salesianidade e o seu amor para com os Irmãos das duas Inspetorias polonesas.

P. Antônio Garnica

* Colomera (Espanha) 19-3-1903, † Bahia Blanca (Argentina) 17-1-1977 aos 74 anos, 56 de profissão, 49 de sacerdócio. Diretor por 15 anos.

Desempenhou por vários anos cargos de responsabilidade como Diretor e Pároco, com grande dedicação e espírito de sacrifício. Suportou longos anos de doença com admirável espírito de fé e serenidade.

Coad. Antônio Kern

* Maierhof-Wegscheid (Passau-Alemanha) 16-10-1898, † Wiesbaden 26-7-1977 aos 78 anos, 53 de profissão.

Logo após o Noviciado, em 1924, os Superiores enviaram-no a Marienhausen, onde ficou até à morte numa vida de observância religiosa exemplar. Com grande perícia e incansável diligência trabalhou na propriedade agrícola que dirigiu por 36 anos. Durante a segunda guerra mundial os Salesianos foram obrigados a deixar a casa: somente ele ficou. A sua fidelidade aos encargos de cada dia, a sua capacidade de resistência ao trabalho, alimentavam-se na fonte do amor de Deus e na filial e profunda devoção a Nossa Senhora.

P. Antônio Kolodziejczak

* Swiete (Polônia) 10-2-1909, † Lodz 23-8-1977 aos 68 anos, 50 de profissão, 40 de sacerdôcio.

Foi uma das figuras mais beneméritas da Inspetoria de Lodz. Muito apreciado pela fidelidade ao dever, pelo equilíbrio e bondade, desempenhou por muitos anos cargos de responsabilidade como diretor da nossa escola mecânica, e dos Estudantados filosófico e teológico. Foi também membro do conselho inspetorial por 26 anos e por cerca de 8 Vigário inspetorial. Encerrou sua existência suportando com paciência a cruz de prolongada doença.

P. Artur Gonzales

* Allariz (Orense-Espanha) 7-1-1906, † Orense (Espanha) 13-4-1977 aos 71 anos, 55 de profissão, 45 de sacerdócio.

Foi o último de 15 filhos de uma família profundamente cristã; seus dotes característicos: peculiar atenção às necessidades alheias, gratidão para com os seus educadores e superiores, espírito de piedade e devoção mariana, zelo no apostolado da pregação e sobretudo da confissão.

P. Antônio Lourenço Urbano

* Jaboatão (Pernambuco-Brasil) 29-11-1910, † Salvador 22-8-1977 aos 67 anos, 45 de profissão, 37 de sacerdócio. Diretor por 11 anos.

Trabalhou em várias casas do Nordeste brasileiro deixando em todos agradável lembrança da sua bondade, simplicidade e dedicação ao trabalho. Dedicou-se com amor à pastoral das vocações: muitos religiosos e religiosas devem ao seu zelo o desenvolvimento da própria vocação. A serenidade e fortaleza de ânimo com que suportou a doença e aceitou a morte foram para todos motivo de viva admiração.

P. Antônio Wagner

* em Budapest (Hungria) 1906, † Budapest 29-11-1977 aos 72 anos, 54 de profissão, 45 de sacerdócio.

Grande devoto da Virgem desde a juventude, reputava singular privilégio haver sido ordenado sacerdote na Basílica de Turim. Antes entre os jovens, posteriormente na atividade paroquial preocupava-se em inculcar nos fiéis a adesão à Igreja, ao Papa, seguindo as lições de São João Bosco.

Coad. Arcanjo Bertolo

* Venaria Reale (Turim) 15-7-1909, † Bahia Blanca (Argentina) 31-7-1977 aos 67 anos, 51 de profissão.

Entrou primeiramente como sapateiro no Oratório de Turim-Valdocco, depois partiu para a Patagônia, onde trabalhou por vários anos como diligente educador e professor. Lembrava sempre com orgulho filial o privilégio de haver feito os sapatos para Dom Bosco quando o corpo do Santo foi deposto na urna por ocasião da solene beatificação. Uma longa enfermidade, aceita com espírito de abandono à vontade de Deus, purificou-lhe a alma e coroou a longa e laboriosa jornada.

Coad. Aristides Hugo Alvigini

* em Alessandria 21-1-1912, † Asti 23-12-1977 aos 65 anos, 44 de profissão.

Em diversas casas da Inspetoria de Novara foi sacristão, enfermeiro, hortelão, mas, ao mesmo tempo, dado ao esporte, à música, ao teatro. Tinha o dom de saber conversar com os jovens. De ânimo nobre e delicado apressava-se em pedir desculpas aos Irmãos toda a vez que lhe parecia haver-lhes chocado a suceptibilidade. As suas lições de humildade, laboriosidade, fidelidade a Dom Bosco e à Congregação serão sempre lembradas por quantos o conheceram e amaram.

P. Carlos Agosto

* Belvedere Langhe (Cuneo-Itália) 17-12-1917, † Trelew (Argentina) 9-7-1977 aos 60 anos, 41 de profissão, 31 de sacedócio.

Dedicou sempre com entusiasmo as suas belas qualidades de coração, de apreciado pregador, seu amor à música e ao teatro, alimentando assim o espírito de união em todos os encontros familiares. Distinguiu-se por filial e fervoroso amor a Nossa Senhora, por exemplar e sacrificado espírito de obediência.

P. Bruno Bragagni

* Castel S. Nicolò (Arezzo) 4-6-1921, † Savona 2-9-1977 aos 56 anos, 40 de profissão, 29 de sacerdócio.

Característica de seu sacerdócio foram a aceitação serena e generosa do seu longo calvário, a consagração comprometida sem reservas a Jesus e às almas, a piedade simples, elegante, o fino trato, a grande sensibilidade ante o belo e o bom, ante os sofredores, por amor dos quais quis conseguir o diploma de enfermeiro, o serviço vigilante à casa de Deus, o singular amor à Virgem.

P. Carlos Casetta

* S. Damiano d'Asti 8-9-1907, † Bangkok (Tailândia) 23-12-1977 aos 70 anos, 50 de profissão, 44 de sacerdócio. Diretor por 8 anos.

Pároco zeloso, incansável no trabalho, sempre disponível para ajudar o próximo. Cultivou com amor o estudo da língua thai, tornando-se perito na mesma. Dedicou os últimos anos ao apostolado da escola e da direção espiritual entre as Irmãs diocesanas de Tharé e entre os leprosos das aldeias vizinhas dessa cidade. O P. Carlos deixa em todos a lembrança de uma vida inteiramente despendida pela glória de Deus e bem das almas.

Coad. Carlos Callidabino

* Somma Lombardo (Milão) 30-10-1903, † Catania 25-11-1977 aos 74 anos, 53 de profissão,

Após haver trabalhado em várias casas do norte da Itália, chegou em 1952 a Catania-Barriera onde permaneceu ininterruptamente até à morte. Sempre presente entre os jovens, foi, a exemplo de Dom Bosco, o apóstolo da boa palavra, do conselho discreto e fraterno. Sempre sorridente, bom, cordial, a sua presença criava uma nota de vivacidade e era centro de carinhosa atenção. Agora o seu olhar simples continua a descansar sobre quantos o amaram e lhe apreciaram o zelo.

P. Carlos Krcmar

* Velka Skrovnice (Boêmia) 29-10-1912, † Genova Sampierdarena 11-9-1977 aos 65 anos, 44 de profissão, 35 de sacerdócio

Caráter aberto, alegre, bom, conquistara o amor e a simpatia de muitos jovens da sua Boêmia. Chegando à Itália, ofereceu corajosamente a sua mediação para salvar vários *partisans* durante a segunda guerra mundial. Trabalhou depois como ajudante na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim, depois em várias casas da Inspetoria lígure como secretário dos nossos colégios. Foi um sacerdote de sólida piedade, apegado à Congregação, ao Papa, à Igreja.

P. César Albisetti

* Terno d'Isola (Bergamo-Itália) 18-6-1888, † Sangradouro (Mato Grosso-Brasil) 28-12-1978 aos 89 anos, 73 de profissão, 65 de sacerdócio. Diretor por 33 anos.

Ordenado sacerdote em 1912, partiu dois anos depois para as missões do Mato Grosso, onde trabalhou ao lado de grandes missionários da estatura de Dom Malan, Mons. Couturon, P. Colbacchini, com os quais aprendeu a amar os Bororos. Soube vencer a desconfiança inata desses índios contra os civilizadores a fim de descobrir os segredos mais ocultos da língua e da cultura. Isso propiciou-lhe a edição de uma Enciclopédia Bororo em quatro volumes, que lhe mereceu o aplauso de etnólogos de renome mundial. Não foi apenas exímio estudioso, mas também "filho dignissimo da Igreja e da Congregação, às quais serviu com longo, amoroso e inteligente trabalho". Firme no exigir a observância, atencioso para com os Superiores, revelava, sob uma aparência por vezes rude, um coração bom e reto. Desaparece com ele o decano da Inspetoria do Mato Grosso, o último

P. César Ferretti

* S. Zeno sul Naviglio (Brescia-Itália) 11-4-1898, † Brescia 16-1-1978 aos 79 anos, 53 de profissão, 47 de sacerdócio.

Ao terminar a guerra mundial entrou no aspirantado de Penango Monferrato aos 21 anos de idade. Mandado aos Estados Unidos para o Noviciado, lá permaneceu até o último ano de teologia, que terminou em Turim-Corcetta. Sacerdote rico de qualidades humanas e artísticas, dedicou-se aos jovens em várias casas da Inspetoria lombarda, até que graves distúrbios de saúde forçaram-no a mais de 20 anos de inatividade. Aceitou a cruz das mãos do Senhor com espírito forte e resignado.

P. Cesário Sergi

* Montesardo (Lecce) 20-3-1900, † Raghabpur (Índia) 30-4-1977 aos 77 anos, 46 de profissão, 41 de sacerdócio.

Do aspirantado de Ivrea, onde entrara como vocação adulta, após a primeira guerra mundial, partiu para as missões do Assam em 1929. Exerceu sua atividade sacerdotal particularmente na missão de Krishnagar, onde fundou vários centro smissionários trabalhando com grande zelo. Amou o povo, no meio do qual viveu, dedicando-se sobretudo aos mais pobres, para os quais teve sempre um coração de pai. O grande concurso de Irmãos e de fiéis ao seu funeral foi um índice da estima e do afeto que todos nutriam por esse grande missionário.

Coad. Constâncio Po

* Taleigao (Goa) 30-1-1910, † Panjim (Goa) 3-9-1977 aos 67 anos, 27 de profissão.

Foi a primeira vocação que os Salesianos, chegados a Goa, recolheram para a nossa Congregação. Após haver freqüentado o Magistério no Colle Dom Bosco, dirigiu por 10 anos a tipografia salesiana de Goa, distinguindo-se pela sua disponibilidade, grande dedicação ao trabalho, peculiar amor à pobreza, admirável simplicidade de espírito.

P. Domingos Trivellato

* Bagnoli di Sopra (Pádua) 3-8-1906, † Camposampiero (Pd) 11-12-1977 aos 71 anos, 44 de sacerdócio, 53 de profissão. Diretor por 25 anos.

Distinguiu-se pelo cuidado das vocações, zelo pela casa de Deus, pelo amor para com os jovens pobres e abandonados. Por estes fez-se esmoler à porta da gente simples, junto a autoridades públicas, e solicitou com coragem a intervenção de pessoas ricas. Seu estilo de vida, não obstante a grande beneficência que lhe passou pelas mãos, não se afastou jamais de uma austera simplicidade.

Coad. Estanislau Czechowicz

* Varsóvia (Polônia) 25-11-1925, † Jaciazek (Palônia) 18-1-1978 aos 53 anos, 22 de profissão.

Fazendo-se salesiano aos 30 anos de idade, trabalhou em várias casas da Polônia sobretudo como ecônomo, com grande interesse, discrição e criatividade, revelando sempre profunda devoção à Auxiliadora e um forte amor à vida de comunidade. Não podendo trabalhar, ao aproximar-se o fim de sua vida, passava longo tempo a rezar diante do Tabernáculo, em profunda união com Deus.

P. Evaristo Marcoaldi

* Ischia di Castro (Viterbo) 18-12-1898, † Roma 28-11-1977 aos 79 anos, 62 de profissão. 55 de sacerdócio. Diretor por 25 anos, Inspetor por 6, Procurador Geral 1 ano.

Figura singular de educador, chamado logo a responsabilidade sempre maiores, pôs a serviço da Congregação os seus muitos talentos de inteligência, cultura, coração e governo. A eficácia da ação pastoral e da palavra acompanhou sempre o seu longo caminho sacerdotal. A morte repentina pareceu a resposta a um seu pio e vivo desejo.

P. Fernando Casagrande

* Mareno di Piave (Treviso) 6-3-1922, † Haifa (Israel) 2-8-1977 aos 55 anos, 36 de profissão, 26 de sacerdócio.

Exerceu o apostolado primeiramente na América Central, depois no Oriente Médio. Dotado de notáveis qualidades práticas, sereno,

alegre, era um elemento de coesão e de amizade na sua comunidade; sempre disponível, sabia dar-se a todos sem nunca fazer pesar o sacrifício de si próprio. Uma espiritualidade simples e profunda alimentava-lhe o otimismo diante de todas as dificuldades.

Coad. Fernando Liebl

* Unterpfraundorf (Alemanha) 19-4-1900, † Unterwalterdorf (Áustria) 29-1-1978 aos 77 anos, 47 de profissão.

Passou toda a sua vida religiosa na casa salesiana de Unterwalersdorf, trabalhando entre as vocações adultas por quase 50 anos. Seus dotes característicos: trabalho incansável, habitual serenidade, alimentada por profunda união com Deus. Encontrou sempre na oração e na retidão de intenção a força para estar sempre a serviço de todos, e na convivência fraterna com os seus Irmãos uma ajuda validíssima para a sua formação humana e religiosa: tornou-se assim para todos um modelo crível de vida religiosa.

Coad. Francisco Fernandez

* Bejar (Espanha) 4-4-1891, † Coxipó da Ponte (Mato Grosso-Brasil) 28-12-1977 aos 86 anos, 67 de profissão.

Depois de dez anos de vida salesiana na sua pátria, partiu para o Mato Grosso, onde ficou ininterruptamente até à morte. Irmão humilde, exerceu por mais de 50 anos as mais diversas funções numa vida exemplar, por vezes heróica, tecida de retidão, fidelidade ao dever e às práticas de piedade. Companheiro de viagens e peripécias do P. Colbacchini e do P. Chovelon, teve a sorte de manter ao lado deles os primeiros encontros amigáveis com os terríveis Xavantes no Rio das Mortes em 1937 e, em Xavantina em 1951, trocar com eles o abraço de amizade e de paz.

P. Francisco Mahr

* Moskowitz (Morávia) 6-5-1903, † Campo Grande (Brasil) 14-9-1977 aos 74 anos, 56 de profissão e 48 de sacerdócio. Diretor por 3 anos.

Aos vinte anos chegou ao Mato Grosso, onde exerceu longo e fecundo apostolado. Como Pároco foi zeloso distribuidor da palavra de Deus na igreja e fora, nas famílias e na escola. Percorreu por muitos anos as vastas paróquias que lhe foram confiadas, pregando, ensinando o catecismo, visitando os doentes. Fiel servidor da Igreja, defendeu-lhe o magistério e a autoridade do Papa. Propagou intensamente a devoção a Nossa Senhora, a quem amava filialmente.

P. Francisco Mazzocchio

* Casteltermini (Agrigento) 26-10-1886, † Lima (Peru) 23-9-1977 aos 90 anos, 69 de profissão, 61 de sacerdócio. Diretor por 26 anos e por 2 Inspetor.

Partiu em 1927 para o México, passando em seguida a Cuba onde foi por dois anos Inspetor. Em 1925 foi ao Peru. Homem de sincera piedade, fino trato, rico de humor, formou para a vida religiosa muitos salesianos, primeiramente como diretor do aspirantado de Magdalena, depois no seminário de Piura. Dedicou-se com amor ao cuidado das vocações, cujos belíssimos frutos aí estão: uma linda legião de sacerdotes, religiosos e diocesanos, e dois Bispos.

P. Francisco McDonagh

* Dublim 31-5-1911, † Warrenstown (Irlanda) 12-11-1977 aos 66 anos, 45 de profissão, 36 de sacerdócio.

De saúde sempre precária, passou a sua vida sacerdotal na nossa casa agrícola de Warrenstown na qualidade de confessor, requisitado e apreciado por todos, tanto Irmãos como estudantes. Exerceu um precioso apostolado em favor dos ciganos da Irlanda. O seu derradeiro ato de caridade dirigiu-se justamente a um grupo desses nômades, que o haviam procurado para pedir-lhe os sábios conselhos.

Coad. Francisco Orru

* Mogoro (Cagliari) 13-2-1917, † Roma 9-1-1977 aos 59 anos, 39 de Profissão.

Provedor solícito em várias casas da Inspetoria romana, passou os últimos anos no "Dom Bosco" de Cinecittà como enfermeiro e provedor. De piedade simples e convicta alimentava especial devoção à Virgem, aos Santos Salesianos, aos da sua terra natal, a Sardegna. e um amor ardente ao Papa e à Igreja. Um longo sofrimento aceito com humilde resignação e confiante abandono, purificou-lhe o espírito e o dispôs melhor para o encontro com o Pai.

P. Guilherme Tait

* Newcastle Upon Tyne (Inglaterra) 13-3-1906, † Johannesburg (África do Sul) 28-1-1978 aos 71 anos, 52 de profissão, 44 de sacerdócio.

Laureado em Teologia na Universidade Gregoriana, ensinou por vários anos no estudantado teológico. Durante a segunda guerra mundial foi Capelão das forças aéreas, passando depois a pároco no Cabo da Boa Esperança, em Johannesburg e em Pretória. Por alguns anos exerceu o seu apostolado com admirável dedicação também no nosso colégio do Swaziland. Foi professor exato e estimado, pároco zeloso,

confessor requisitado, sacerdote e salesiano rico de valores humanos e de límpida fé.

P. Huberto Van Elssen

* Bockum (Alemanha) 23-2-1913, † Tournai (Bélgica) 10-11-1977 aos 64 anos, 45 de profissão, 35 de sacerdócio.

Sentida piedade, amor a Dom Bosco, sentido da ordem, amor ao belo, cordialidade e forte calor humano foram as características de toda a vida desse Irmão. Essas qualidades recebidas no seio da sua família, tornaram-se em seguida estilo de vida em toda a sua existência salesiana.

P. Hugo Drum

* St. Helens (Inglaterra) 17-11-1888, † Bootle (Inglaterra) 7-1-1978 aos 89 anos, 53 de profissão, 46 de sacerdócio.

Entrou já adulto na Congregação. Ordenado sacerdote partiu para o Chile onde foi mandado ao Vicariato Apostólico de Magalhães. Exerceu a sua atividade na solidão das ilhas Malvinas num trabalho incansável e fiel. Voltando à pátria após 14 anos de trabalho missionário, dedicou-se ao apostolado da confissão e ao cuidado dos doentes, propagando a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e a Dom Bosco.

P. Henrique Bouquier

* La Cassagne (Borgonha-França) 8-5-1889, † Nice (França) 1-11-1977 aos 88 anos, 44 de profissão, 64 de sacerdócio. Foi Diretor por 17 anos.

Jovem sacerdote, não ainda salesiano, consagrou-se com zelo à educação dos jovens. Quando conheceu Dom Bosco tornou-se discípulo entusiasta e apaixonado. Como salesiano quis tornar conhecida a figura do Santo educador escrevendo muito sobre ele com o seu estilo incisivo e sóbrio. Foi também zeloso animador da JOC e da união mariana, que congrega mais de 4.000 membros, espalhados por toda a França. O P. Bouquier deixa em todos a imagem de um homem franco, linear, coerente, sem compromissos, dedicado a Dom Bosco e à Virgem Auxiliadora.

Coad. Humberto Fontana

* Somma Lombardo (Varese-Itália) 16-7-1908, † Luís Beltran (Argentina) 27-6-1977 aos 69 anos, 43 de profissão.

As plantações de Fortin Mercedes, a casa e as capelas de Chos Malal, a fama bem merecida dos seus vinhos estão a documentar os

seus 50 anos de sacrificado trabalho na Patagônia, vividos em constante e total doação de si, com serenidade e bom humor, exemplar observância religiosa.

Coad. Isidoro Fioredda

* Luogosanto (Sassari) 23-8-1909, † Calcutá (Índia) 8-2-1978 aos 68 anos, 40 de profissão.

Missionário na Índia desde 1938, animou sempre a sua vida com um singular espírito de oração, diligente cuidado na observância religiosa, grande aplicação ao trabalho. Reservado e de poucas palavras, estava atento a todas as necessidades dos Irmãos. Ao receber do governo do Assam a ordem de deixar o estado, chegou à Inspetoria de Calcutá, onde em pouco tempo um mal inexorável levou-o à tumba.

P. João Alas

* Quezaltepeque (El Salvador) 24-5-1913, † San Salvador (El Salvador) 3-11-1977 aos 64 anos, 45 de profissão, 34 de sacerdócio. Diretor por 9 anos.

Professor, escritor, poeta e pregador, consagrou a sua vida à formação intelectual e cristã dos jovens. Colocado em lugares de responsabilidade, atraiu sempre a confiança dos jovens com o seu autêntico e dinâmico espírito salesiano. Viveu os últimos anos no apostolado da oração e da direção espiritual, suportando com serenidade e alegria a longa enfermidade.

P. João Luís Fanzolato

* Castelfranco Veneto (Treviso) 21-3-1893, † Boulogne (Argentina) 18-10-1977 aos 84 anos, 68 de profissão, 60 de sacerdócio. Foi Diretor por 19 anos.

Homem bom e amável com todos, como Diretor, como Pároco, fez da sua vida sacerdotal um incansável dom de bondade. A compreensão e bondade ao acolher os penitentes tornaram-no confessor apreciado e granjearam-lhe vasta simpatia. A longa doença revelou-lhe a paciência e o grande amor à vida de comunidade.

P. João Giovenale

* 9-9-1928, † Alassio (Savona) 4-101977 aos 49 anos, 29 de profissão, 21 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Intensa atividade missionária no Equador abalou-lhe fatalmente a saúde, não, porém, a paixão pelo seu primeiro sonho missionário. Regressando à Itália dedicou-se com zelo à escola, ao apostolado entre os cooperadores, que encontraram sempre nele um humilde, afetuoso amigo. A sua figura serena é um convite à fidelidade e à aceitação plena dos planos amorosos de Deus.

P. João Harangozo

* Szentpéterfa (Hungria) 26-3-1892, † Szombathely (Hungria) 8-1-1978 aos 85 anos, 63 de profissão, 55 de sacerdócio. Diretor por 26 anos.

Fez os estudos primários em Cavaglià, na sede para os filhos de Maria húngaros. Passou os primeiros anos de vida religiosa na Sardenha, completando depois os estudos em Roma, onde trabalhou por um decênio na obra de S. Saba. Regressando à pátria foi por vários anos diretor, mestre dos noviços, trabalhando assiduamente com o coração de Dom Bosco para o desenvolvimento da Congregação na Hungria. Supressas as obras salesianas, colocou-se a serviço da diocese de Szombathely, oferecendo seu trabalho mesmo em circunstâncias por vezes heróicas para ajudar os párocos da região.

Coad. José Borello

* Mango (Cuneo) 5-11-1909, † Turim 3-12-1977 aos 68 anos 48 de profissão.

Entrou na Congregação aos 20 anos, partindo cinco anos depois para o Equador onde por 17 anos consumiu suas melhores energias. Regressando à Itália continuou a serviço do ideal missionário com a difusão da boa imprensa e com o humilde apostolado do colóquio ocasional cotidiano.

P. José Cancino

* Onzaga (Santander-Espanha) 26-2-1898, † Bogotá (Colômbia) 28-6-1977 aos 79 anos, 46 de profissão, 41 de sacerdócio.

Religioso exemplar, apegado à Congregação, equilibrado, prudente, foi por muitos anos apreciado e dinâmico professor e estimado diretor espiritual. Dedicou grande parte da sua atividade ao estudo da pegagogia e do sistema educativo de Dom Bosco. Exerceu por 11 anos atividade pastoral cheia de zelo nos leprosários de Contratación e de Agua de Diós. Os útimos anos constituíram como a síntese de toda a sua vida sacerdote: de vista fraca e doente, passava horas em oração recolhida e atendendo confissões.

P. José Gaino

* Cartosio (Alessandria) 5-6-1890, † Varazze (Savona) 29-1-1977 aos 87 anos, 69 de profissão, 59 de sacerdócio.

Viveu a vocação de sacerdote e educador salesiano com grande amor e eficácia. O sorriso acolhedor, a simplicidade encantadora tornaram-se nele um elemento de fecundo apostolado na vida salesiana.

P. José Massimi

* Scandriglia (Rieti) 26-9-1881, † Porto Alegre (Brasil) 4-8-1977 aos 95 anos, 78 de profissão, 69 de sacerdócio. Foi por 32 anos Diretor.

Exerceu por longos anos sua atividade sacerdotal em Rio Grande (RS), onde construiu o novo prédio do Liceu Leão XIII. Seu objetivo primário foi a juventude abandonada para a qual construiu em Porto Alegre a Casa do Pequeno Operário. Seu zelo e espírito de iniciativa mereceram-lhe o reconhecimento do governo italiano e do governo brasileiro. Salesiano, aferrado a Dom Bosco, encarnou-lhe os ideais, não deixando nunca de referir-se a ele na sua longa vida e no dinamismo de suas iniciativas.

P. José Matlak

* Sucha (Polônia) 4-4-1904, † Cracóvia (Polônia) 24-8-1977 aos 73 anos, 57 de profissão, 48 de sacerdócio. Diretor por 8 anos.

Professor de teologia primeiramente no nosso Estudantado de Cracóvia, depois no seminário diocesano de Wroclaw, nomeado depois Diretor e Pároco, revelou-se sempre sacerdote zeloso, reto, fiel observante da regra. Beneficiárias de seu zelo e caridade pastoral foram também várias comunidades de Irmãs, das quais foi por diversos anos Capelão e Diretor espiritual.

P. José Miracola

* Frazzanò (Messina) 26-7-1916, † Catarina 5-1-1978 aos 61 anos, 44 de profissão, 34 de sacerdócio.

Distribuiu com serena e generosa doação os seus tesouros de bondade, cultura, experiência na escola, em várias atividades apostólicas e sacerdotais, revelando-se forjador de almas, sobretudo juvenis. Ainda que sofresse do mal de Packinson, quis por muitos anos continuar a sua missão de professor e educador, infundindo em muitos jovens amor à bondade, à honestidade, ao dever. Ofereceu seus sofrimentos e a sua vida pela Igreja, pela Congregação, pela realização de uma verdadeira comunidade dos corações nas comunidades religiosas.

P. José Orlando Siqueira do Amaral

* Bragança Paulista (SP - Brasil) 25-4-1928, † São Paulo 2-2-1978, aos 49 anos, 32 de profissão, 22 de sacerdócio. Foi por 2 anos Diretor e por 3 Mestre dos Noviços.

Um precioso dom que Deus deu à Congregação. Quando a 16 de janeiro foi levado ao hospital, tinha-se a certeza de que logo voltaria restabelecido e alegre como sempre ao seu trabalho de Mestre dos Noviços em Pindamonhangaba. Mas uma carcinose generalizada

levou-o em poucos dias. Recebeu orientação e formação moral e religiosa na intimidade de uma família profundamente cristã. Aluno do Liceu Coração de Jesus, de São Paulo, entrou no aspirantado de Lavrinhas em 1943. A 8.12.1955 foi ordenado sacerdote. Ocupou os cargos de conselheiro, ecônomo, catequista, diretor. Era desde 1975 Mestre dos Noviços e fora nomeado Diretor e Mestre da nova casa de São Carlos (SP). Foi no testemunho de todos um religioso exemplar, sacerdote digno, educador empenhado, formador incansável. Rico de virtudes, delicado, alegre, simples, fiel e dedicado a tudo aquilo que lhe era confiado. Religioso observante, apegado a Dom Bosco e a Maria Auxiliadora, às tradições salesianas, embora aberto a uma sadia renovação. Sacerdote, foi de total disponibilidade na execução do seu ministério, tal como se propusera no seu programa de vida sacerdotal. A 2 de fevereiro, após agradecer à religiosa enfermeira que o atendia no momento, disse: "Nossa Senhora, venha me buscar para que eu vá para o Céu". Segundos depois expirava.

Coad. José Pastore

* Montanaro (Turim) 4-6-1887, † Genova-Sampierdarena 5-12-1977 aos 90 anos, 63 de profissão.

Exerceu sua atividade de educador e professor em Florença, em Bordighera, mas sobretudo em Genova-Sampierdarena. Vontade tenaz, dedicação em tempo integral, serenidade habitual, exemplaridade religiosa, foram os dotes que o fizeram querido por tantos ex-alunos que, galgando posições de relevo na sociedade, não esqueceram nunca as lições de vida e o apreciado ensino do saudoso mestre.

P. José Passarelli

* Laureana di Borrello (Mc - Itália) 25-1-1909, † Nápoles 28-6-1977 aos 68 anos, 28 de sacerdócio, 35 de profissão.

Irmão humilde e simples, hauriu na fé e no amor a N. Senhora a força para exercer o apostolado entre a população da Calábria e da Campânia, não obstante o seu físico de frágil compleição. Sua nota característica foi o zelo pelas almas: amou de preferência os pobres, os doentes, os isolados. Foi padre em tempo integral, sempre disponível, fiel à Igreja e ao seu magistério.

P. José Rossit

* S. Vito al Tagliamento (Pordenone) 14-12-1913, † Santiago (Chile) 20-11-1977 aos 64 anos, 46 de profissão, 36 de sacerdócio. Diretor por 8 anos.

Muito jovem ainda partiu para o Chile com um grupo de companheiros. No Chile viveu por quase 50 anos. Coração sensível, trato

cordial, sorriso franco e contagioso, amigo leal e generoso, foram as qualidades que ostentou em todas as ocupações que a obediência lhe confiou. Voltou ao Pai após dolorosa enfermidade, suportada com edificante serenidade e paciência.

P. José Angelo Torres

* Pespire (Honduras) 31-5-1905, † Tegucigalpa (Honduras) 15-5-1977 aos 72 anos, 52 de profissão, 43 de sacerdócio. Diretor por 14 anos.

Durante a sua longa vida salesiana exerceu com dedicação, humildade e serenidade de espírito os trabalhos que lhe foram confiados, merecendo com suas maneiras simples e francas a estima e simpatia geral. Nos últimos meses uma dolorosa doença, aceita com espírito de fé, purificou-lhe o espírito e preparou-o para a vinda do Senhor.

P. Justino Mestanek

* Stará Turá (Tchecoslováquia) 8-3-1905, † Pezinok (Tchecoslováquia) 13-3-1977 aos 72 anos, 52 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Coad. José Aloi

* Montà d'Alba 9-11-1904, † Cremisan (Israel) 7-11-1977 aos 73 anos, 47 de profissão.

Fez-se Salesiano aos 26 anos. Partiu então para a Palestina onde trabalhou primeiro em Beitgemal, depois em Cremisan. Viveu muitos anos ao lado do Servo de Deus Simão Srugi, cuja santidade deixou nele uma marca indestrutível. Foi um salesiano de profunda piedade. Sempre fiel aos encontros comunitários de oração, gostava também de passar algumas horas do domingo em devota meditação nos lugares santos. A morte, que chegou improvisamente, encontrou-o em vigilante e amorosa espera do encontro com o Pai.

Coad. Júlio Nunes

* S. Martinho (Funchal-Portugal) 13-2-1911, † Estoril (Portugal) 6-8-1977 aos 66 anos, 20 de profissão.

Entrou em contacto com a vida salesiana quando sacristão da nossa paróquia de Estoril. Pediu então — em idade já madura — para entrar na Congregação como coadjutor. Foi a princípio cozinheiro, atividade na qual se distinguira desde jovem como marinheiro, depois foi despenseiro e encarregado do bar. Amigo do trabalho, para o qual parecia desconhecer férias ou descanso, era diligente no prestar contas da sua atividade, pronto sempre a servir aos jovens e aos Irmãos.

P. Juliano de Bruyckere

* Fives-Lelle (França) 27-9-1903, † Mechelen (Bélgica) 12-9-1977 aos 74 anos 55 de profissão, 46 de sacerdócio.

Trabalhou em diversas comunidades, quase sempre com o cargo de ecônomo: sua diligência, gentileza, disponibilidade tornaram-no querido de todos. Como sacerdote cuidou da pregação e da direção das almas, sobretudo durante os Exercícios espirituais e no ministério das confissões. Quantos o conheceram lembram-lhe com gosto a simplicidade evangélica, o sentimento de filial abandono nas mãos de Deus, o reconhecimento por tudo o que a vida apresenta de bom e de belo.

Coad. Lourenço Menegola

* Montagna (Sondrio) 30-3-1897, † Este (Pádua) 20-9-1977 aos 80 anos, 52 de profissão.

Após haver dado à pátria seus jovens 20 anos nos campos de batalha durante a primeira guerra mundial, consagrou-se ao Senhor na vida salesiana em 1925. Viveu por 45 anos da casa de Este atendendo com diligência e fidelidade à missão de enfermeiro. De ânimo sereno e bom era amado por todos e a todos edificava com o seu espírito de piedade. A sua figura reproduziu ao vivo o tipo do salesiano coadjutor como Dom Bosco queria.

P. Luís Araya

* S. Pedro de Poá (Costa Rica) 10-8-1908, † S. José (Costa Rica) 26-5-1977 aos 69 anos, 46 de profissão, 37 de sacerdócio. Foi Diretor por 1 ano.

Jovial, otimista, bom administrador, trabalhou com entusiasmo pelas vocações onde quer que a obediência o quisesse. Nos últimos três anos foi obrigado a limitar as suas atividades devido a uma hemorragia cerebral; soube todavia conservar sempre sua habitual alegria e bom humor para com todos.

P. Luis Brugnaro

* S. Giorgio in Bosco (Pádua) 29-7-1914, † Pordenone 28-11-1977 aos 63 anos, 45 de profissão, 34 de sacerdócio.

Sempre acreditou no valor educativo da escola, por isso dedicou-se de boa vontade ao ensino, não poupando suores, nem sacrifícios para ser educador salesiano. Os seus alunos lembram-lhe com gratidão a disponibilidade cordial e fraterna, a palavra serena e encorajadora.

P. Luís Leinfelder

* Untergarching (Alemanha) 7-9-1896, † Bischofshofen (Alemanha) 17-11-1977 aos 83 anos, 59 de profissão, 52 de sacerdócio. Foi Diretor por 17 anos e por 9 Inspetor.

Era um dos mais antigos Irmãos da Inspetoria de Múnique. Após laurear-se em Teologia na Universidade Gregoriana, foi por vários anos diretor e pároco. Em 1958 foi eleito Inspetor da Alemanha do Sul, mostrando a todos a imagem do bom pastor, sempre atencioso para com todos os Irmãos que lhe admiravam a dedicação e o coração de pai. Uma grave forma de insuficiência cardíaca apressou-lhe o encontro com Deus.

P. Luís Loss

* Canal San Bovo (Trento) 14-7-1905, † La Spezia 6-12-1977 aos 71 anos, 55 de profissão, 44 de sacerdócio.

Realizou no campo da música o seu apostolado sacerdotal, atraindo a simpatia de quantos o conheceram pela sua competência, pelos seus dotes humanos e sacerdotais. Autor de muitas composições musicais, foi defensor entusiasta da música sacra: suas peças tinham o dom de comover, elevar espiritualmente os ouvintes, concebidas como eram num estilo moderno, equilibrado, agradável.

P. Ludovico Baldini

* Montagna (Sondrio) 1-11-1914, † Brescia 4-10-1977 aos 62 anos, 44 de profissão, 35 de sacerdócio. Foi por 6 anos Diretor.

Os 44 anos vividos na Congregação, primeiro como Diretor de Oratório, depois como Diretor da nova obra de Fiesco, e enfim como pároco de Brescia são um testemunho vivo da sua contínua vontade de servir a Deus, propagar o seu Reino, ajudar a todos, especialmente aos jovens, a encontrar o Senhor. Dotes característicos: genial capacidade organizadora, têmpera de trabalhador, sereno otimismo mesmo nas dificuldades, amor à música e ao teatro.

P. Ludovico Doná

* Zurich (Suíça) 24-12-1980, † Lisboa (Portugal) 1-1-1978 aos 69 anos, 50 de profissão, 40 de sacerdócio.

Terminados os estudos ginasiais e o liceu na Itália, partiu em 1929 para Portugal, onde foi professor em Lisboa e no Porto, revelando sempre dedicação silenciosa e constante ao trabalho, aos jovens, no meio dos quais gostava de estar. A sua serenidade e humorismo eram fonte de união entre os Irmãos. Assíduo e zeloso no ministério das confissões, a sua direção era requisitada por muitos jovens que freqüentavam a nossa igreja de Lisboa.

Coad. Ludovico Massenz

* Valdobbiadene (Treviso) 9-11-1921, onde † 29-10-1977 aos 56 anos, 35 de profissão.

Trabalhou com dedicação salesiana em vários oratórios, sobretudo em Trieste. Longa e dolorosa doença nas articulações constrangeu-o a ficar acamado nos últimos anos de vida. Mesmo em meio aos sofrimentos manteve inalterável o sorriso e a serenidade, convencido de assim colaborar na ação educativa dos seus Irmãos.

P. Maximiliano Burger

* Oberfranker (Alemanha) 14-12-1904, † Waldwinkel (Alemanha) 14-1-1978 aos 73 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio.

Veio à Congregação como vocação adulta, após haver exercido com arte o ofício de entalhador. Ordenado sacerdote foi cura de almas e professor de religião, mas bem depressa teve que truncar a sua atividade por indisposições de saúde. Passou assim a um fecundo apostolado como capelão numa casa de cura para anciãos e doentes. Viveu os últimos meses na nossa casa de Waldwinkel oferecendo aos Irmãos o dom da sua direção espiritual.

P. Maximiliano Gomiero

* Scorze (Itália) 18-7-1916, † Udonthani (Tailândia) 13-9-1977 aos 61 anos 43 de profissão 33 de sacerdócio.

Chegou à Tailândia em 1934. Foi Ecônomo e Diretor da casa de Bangkok por mais de dez anos consagrando a sua vida aos jovens mais pobres e dando impulso à escola. Acometido por grave doença, permaneceu no seu posto de diretor enquanto as forças lho permitiram. No hospital da capital edificou a todos com o seu espírito de fé e com a sua serenidade.

P. Manuel Astiz

* Novoleta (Espanha) 17-6-1920 † Zaragoza (Espanha) 27-12-1977 aos 57 anos, 39 de profissão, 26 de sacerdócio.

Foi um salesiano bom, simples, apegado à sua vocação, sempre atencioso para com os outros, especialmente para com os jovens, para com os mais pequenos. A sua vida foi sempre inspirada pelo sentimento de filial abandono nas mãos do Pai celeste.

P. Mário Boni

* Castelvetro (Moderna-Itália) 5-1-1923, † Modena 3-8-1977 aos 54 anos, 36 de profissão, 28 de sacerdócio.

Viveu a sua vida salesiana na escola, amado pelos jovens, apreciado como professor. A sua disponibilidade na escola e no serviço

pastoral brotava de sólida vida interior, convicta e simples. Trabalhou sempre com ritmo intenso até ao momento da morte improvisa.

Coad. Martinho Dauser

* Dirgenheim (Alemanha) 22-10-1897, † Oberthalheim (Áustria) 29-10-1977 aos 80 anos, 48 de profissão

"Frei Martinho", como costumávamos chamá-lo, trabalhou como hortelão em várias casas da Alemanha e da Áustria, revelando-se sempre religioso observante e exemplar. Homem de profunda piedade, amável, dotado de grande humildade que o fazia buscar sempre o último lugar e a vontade de Deus como norma habitual de vida.

P. Maurício Laporte

* Collobrières (França) 17-10-1903, † Guiratinga (Brasil) 28-6-1977 aos 73 anos, 49 de profissão, 39 de sacerdócio. Foi por 31 anos Diretor.

Jovem operário militante de esquerda, foi convidado a substituir um músico da banda do Oratório de Marselha. Impressionado pela familiaridade do ambiente salesiano, pediu para entrar na Congregação. Após o Noviciado partiu para as missões, destinado a Mato Grosso. Dotado de atividade incansável e dinâmica, construiu obras de notável importância, mantendo-se sempre sacerdote modesto, exemplar, piedoso. Por 20 anos, como Vigário Geral da Prelazia de Guiratinga, percorreu a vasta região de missão fazendo-se amar pela sua bondade, cultura, total doação. O seu desaparecimento despertou em todos profundo pesar.

P. Miguel Viviano

* S. Cataldo (Caltanissetta) 29-9-1909, † Caltanissetta 21-12-1977 aos 68 anos, 51 de profissão, 41 de sacerdócio.

De caráter manso e gentil, mantinha-se sempre sereno e sorridente, fiel às práticas de piedade e ao trabalho, disponível para o que fosse necessário aos Irmãos. O Senhor chamou-o improvisamente, lembrando a todos o conselho de que estejamos vigilantes.

P. Miloslau Hronek

* Trest (Tchecoslováquia) 11-2-1919 † S. Candido (Bolzano-Itália) 12-7-1977 aos 58 anos, 37 de profissão, 6 de sacerdócio.

Trabalhou como coadjutor em várias casas da Tchecoslováquia e, a partir de 1931, na Argentina foi por alguns anos secretário de D. Carlos Perez. Aos 52 anos foi ordenado sacerdote. Desde 1975 cuidava com entusiasmo da assistência dos seus conacionais no estrangeiro.

Uma das características do "P. Milo" foi a sua generosa dedicação a todos: quando podia fazer alguma coisa por alguém parecia correr, não obstante a saúde precária dos últimos tempos.

P. Patricio Morrin

* Dublin (Irlanda) 26-7-1933, Makallé (Etiópia) 25-9-1977 aos 44 anos, 14 de sacerdócio. Foi por 2 anos Diretor.

Depois de alguns anos de atividade sacerdotal em Malta pediu para ir para as missões, mas a sua precária saúde obrigou-o a esperar até 1975 quando, abrindo-se a casa de Makallé, na Etiópia, foi encarregado de iniciar a obra juntamente com mais dois Irmãos. Empenhou-se logo com alegria e entusiasmo, atraindo a simpatia e o amor de pequenos e grandes com o seu zelo, com a sua disponibilidade em tempo integral. Dois anos apenas de vida missionária: vida toda consagrada aos pobres, semente fecunda que morre para fazer a terra frutificar.

Coad. Patricio Quinlan

* Meelin (Irlanda) 3-1-1897 † Bellinakill (Irlanda) 28-11-1977 aos 80 anos, 40 de profissão.

Passou quase toda a sua vida salesiana na nossa casa de Ballinakill, encarregado do terreno anexo ao colégio: conquistou o afeto de gerações de jovens pela sua alegria cordial e franca, pela humilde e fiel observância, pela profunda piedade. O chamado de Deus chegou improviso, mas encontrou o servo fiel e vigilante em amorosa espera.

P. Paulo Gabino

* Paysandu (Uruguai) 27-10-1902, † Paysandu 9-12-1977 aos 75 anos, 57 de profissão, 49 de Sacerdócio. Foi Diretor por 21 anos.

Diretor e Pároco por vários anos, centralizou toda a sua vida e o seu apostolado sacerdotal numa grande bondade e ilimitada confiança na Divina Providência: de aí a serenidade, alegria cordial, amor à Igreja e ao Bispo do lugar, a devoção à Congregação, o desapego de si e de todas as coisas, a predileção para com os jovens e os meninos. O Senhor quis chamá-lo a si improvisamente, após uma solene celebração eucarística.

Coad. Paulo Guido

* Ciserna D'Asti (Asti) 25-6-1899, † Lima (Peru) 16-9-1977 aos 78 anos 49 de profissão.

Homem de grande trabalho e profunda piedade, dedicou boa parte da sua vida salesiana a pedir esmolas para a construção do templo de

D. Bosco em Callao e do de Maria Auxiliadora em Chosica. Pôde assim fazer precioso apostolado entre os benfeitores, propagando a devoção a Dom Bosco, à Auxiliadora e a Domingos Sávio.

P. Pedro Pasquariello

* Falciano di Caserta 16-8-1908, † Vietri Sul Mare (Salerno) 23-11-1977 aos 69 anos, 51 de profissão, 43 de sacerdócio.

Como Pároco, como Diretor de vários Oratórios distinguiu-se sempre pela disponibilidade para qualquer trabalho que lhe fosse proposto, pela fidelidade à Congregação e aos Superiores, pelo zelo na escola como na pregação, na catequese, como na difusão da boa imprensa.

P. Pedro Pinto Ferreira

* Sorocaba (Brasil) 23-2-1898, † Cachoeiro do Campo (Brasil) 12-11-1977 aos 79 anos, 60 de profissão, 52 de sacerdócio.

Foi ordenado sacerdote a 17 de maio de 1925, em Turim. Por dois anos, ainda estudante de Teologia, redigiu o Boletim Salesiano em português, quando impresso na Itália. Em Turim laureou-se em Teologia na Faculdade Teológica Pontifícia. Exerceu grande atividade pastoral nas Paróquias confiadas aos seus cuidados. Nos 60 anos vividos na Congregação, foi sempre um Salesiano exemplar. Seus 52 anos de sacerdócio foram vividos com edificação dos beneficiários do seu apostolado. De vasta cultura sabia transmitir com facilidade a palavra de Deus. Sempre fiel a Dom Bosco, alimentava grande devoção a N. Senhora Auxiliadora. Faleceu após longa e dolorosa enfermidade, suportada com resignação heróica e paciente.

P. Pedro Vitor Grasso

* Montevideu (Uruguai) 23-12-1926, † Melo (Uruguai) 19-11-1977 aos 51 anos, 33 de profissão, 44 de sacerdócio. Foi Diretor por 4 anos.

Viveu com fidelidade e entusiasmo a sua consagração religiosa servindo a Deus nos jovens. Aberto à amizade, sempre disponível até ao sacrifício de si mesmo, compreendeu e fez frutificar os preciosos recursos da educação salesiana, como a escola, a música, o esporte, o teatro, conquistando o coração dos seus alunos. Ouviu o chamado do Senhor justamente quando, como diretor do Liceu de Melo, acompanhava os seus jovens a passeio. Seu improviso desaparecimento causou intensa emoção em toda a cidade, revelando a grande simpatia de que era alvo.

P. Rinaldo Ruffini

* La Spezia 6-12-1884, † Chieri (Turim) 15-10-1977 aos 92 anos, 76 de profissão, 66 de sacerdócio. Foi por 3 anos Diretor.

Com o P. Ruffini desaparece o último salesiano que tivera contato pessoal com D. Bosco. Menino ainda, apresentado pela mãe a D. Bosco, viu-se suspenso afetuosamente nos braços do Santo: esse encontro histórico fez saltar a centelha da vocação salesiana. Diretor por vários anos de Oratórios Salesianos, distinguiu-se sempre pela sua personalidade afável e jovial, cheia de humanidade, capaz de despertar serenidade e esperança em quantos se lhe aproximavam. Dotado de marcante sensibilidade artística, pintor e miniaturista, foi autor de apreciadas obras de arte como o estandarte do Município de Chieri e da União dos Ex-Alunos de Dom Bosco. Viveu os últimos trinta anos na casa de Chieri, distribuindo os tesouros da sua experiência e do seu coração sacerdotal aos jovens da escola e na direção espiritual.

P. Rodolfo Testa

* S. Cosma e Damiano (Latina) 20-11-1920, † Latina 1-11-1977 aos 56 anos, 37 de profissão, 27 de sacerdócio.

Muito jovem ainda partiu para o Peru onde viveu os anos mais belos de sua juventude salesiana num clima de família, de intensa e serena laboriosidade. Estudou teologia em Santiago do Chile, muito querido de todos pela sua jovialidade, amor ao estudo, vontade firme. Regressando à pátria por motivos de saúde, passou por várias casas da Inspetoria Adriática na esperança de recobrar as energias e poder trabalhar. Quando parecia quase milagrosamente restabelecido, um ataque cardíaco levou-o ao Pai no dia de Todos os Santos.

P. Siro Righetto

* Soave (Verone) 22-8-1900, † Verona 14-10-1977 aos 77 anos, 58 de profissão, 51 de sacerdócio. Foi Diretor por 7 anos.

Após haver despendido com entusiasmo as suas primeiras energias sacerdotais no oratório de Rovigno d'Istria, partiu para a Índia. Foi destinado à missão de Krishnagar, onde trabalhou, exceto alguns anos, até 1965. Com sereno otimismo e incansável zelo, criou vários centros missionários. Obrigado a voltar à pátria por motivos de saúde, dedicou-se à atividade paroquial e nos últimos anos às relações com os missionários e os benfeitores. Viveu a mensagem evangélica da alegria, velando sempre com um manto de alegria sofrimentos e amargas desilusões, e infundindo em todos serenidade e confiança. A sua alegria brotava de um sereno abandono nas mãos de Deus: era sua norma: "sempre e em tudo como Deus quer".

P. Teófilo Guailupo

* Piura (Peru) 2-10-1895, † Lima (Perú) 29-9-1977 aos 82 anos, 62 de profissão, 51 de sacerdócio.

Pequeno de estatura, mas grande esportista, atraiu a si batalhões de jovens num apostolado que tem algo de legendário. Inteligência viva e aguda, foi apreciado professor de ciências exatas. Nos últimos anos repetia os seus sentimentos de gratidão para com os Superiores e seu terno amor a Maria Santíssima.

Coad. Teófilo Sadowski

* Kaczowice (Polônia) 14-2-1906, † Kujawski (Polônia) 6-8-1977 aos 71 anos, 53 de profissão.

Trabalhou por mais de 50 anos de vida salesiana como jardineiro e provedor, sempre no silêncio, na fidelidade a D. Bosco e ao dever de cada dia, numa dedicação generosa e incansável aos Irmãos.

P. Teseu Furlani

* Trieste (Itália) 5-5-1909, † Verona 3-10-1977 aos 68 anos, 47 de profissão, 38 de sacerdócio.

Desempenhou com seriedade e sentido de responsabilidade o cargo de conselheiro, catequista, professor em várias casas da Inspetoria Vêneta. Em 1949 fundou em Trieste a "cidade dos meninos", onde meninos órfãos e abandonados, pequenos delinqüentes condenados pelos tribunais, encontravam válida ajuda para se tornarem homens responsáveis e maduros. Com a saúde abalada, viveu os últimos anos no Dom Bosco de Verona, aprimorando o espírito no sofrimento, sempre gentil e agradecido por tudo quanto os Irmãos pudessem fazer por ele.

P. Vladimiro Ondrasek

* Ujezdec u Prerova (Boêmia) 30-12-1918, † Sidney (Austrália) 16-7-1977 aos 59 anos, 41 de profissão, 32 de sacerdócio.

Após os primeiros anos de sacerdócio em sua pátria, partiu para a Índia onde ficou até 1972 exercendo o apostolado da escola, sempre disponível e pronto para qualquer desejo dos Superiores. Foi depois para a Austrália a fim de trabalhar entre os seus conacionais emigrados para lá. O seu zelo e intenso trabalho limitaram-lhe a existência apressando-lhe o fim.

2.ª Relação

Coad. Benjamim Acerni

* Specchio di Solignano (Itália) 17-2-1903, † Cuneo 18-2-1978 aos 75 anos, 48 de profissão.

Homem rico de qualidades humanas, empreendedor e genial, com grande capacidade de trabalho, humilde e discretamente dedicado à comunidade, onde era elemento de distensão com o seu fino sentido de humor. A fé profunda, pela qual adquirira autêntica liberdade de espírito, levou-o a encarar com um sorriso a morte que se vinha aproximando. Permanece como exemplo e estímulo para quantos o conheceram e amaram.

P. João Bailone

* Saluzzo (Itália) 1-7-1902, † Gênova-Sampiedarena 15-2-1978, aos 75 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio.

Abandonando um emprego lucrativo, entrou na casa de Ivrea como vocação adulta. De lá partiu como missionário para o Oriente Médio, onde esteve por cerca de trinta anos trabalhando entre a juventude dos italianos emigrados e dos árabes. Regressando à pátria por motivos de saúde, passou os últimos vinte anos na atividade paroquial, sobretudo na grande Paróquia de S. João Bosco em Gênova, estimado e requisitado confessor e apóstolo do bem entre os anciãos e os doentes.

Coad. Azelio Bertoni

* Bressa (Itália) 8-10-1906, † Roma 3-2-1978, aos 71 anos, 45 de profissão.

Foi enfermeiro, porteiro, sacristão em várias casas da Inspetoria Central. Viveu os últimos trinta anos como guia nas Catacumbas de S. Calixto oferecendo aos visitantes competência, dedicação e entusiasmo com uma palavra esclarecida, persuasiva, convicta, um comportamento nobre e digno. Quando jovem desejava ser sacerdote e missionário: tal foi de coração e no zelo. Manso e bom, era elemento de união e serenidade entre os Irmãos. Revelou sempre acentuada devoção à Virgem à qual atribuía o dom da sua vocação salesiana.

Coad. Antonio Borra

* Rovato (Itália) 23-4-1906, † Milão 24-3-1978 aos 72 anos, 52 de profissão.

Salesiano observante, contente com a própria vocação. Em 1923 partiu como missionário para a Patagônia e em 1935 para o Peru. Afeiçoado à própria vocação, fiel até ao total desapego de si e de todas as suas coisas. Mestre na arte da madeira, deixou apreciáveis obras artísticas, mas sobretudo as suas sábias lições de amor ao trabalho e de sólida vida cristã aos seus numerosos alunos. Nosso Senhor chamou-o a si na sexta-feira santa para torná-lo participante da sua morte redentora e da sua gloriosa ressurreição.

P. José Bosacky

* Dudvah, Trnava (Tcheco-Eslováquia) 8-6-1905, † Bratislávia (Tcheco-Eslováquia) 6-7-1977 ao 72 anos, 50 de profissão, 40 de sacerdócio.

Após os primeiros estudos, feitos em Perosa Argentina (Itália) completou os estudos na Jugoslávia, onde foi ordenado sacerdote em 1937. Trabalhou com entusiasmo juvenil entre os jovens dos oratórios enquanto a obra salesiana da Tcheco-Eslováquia permaneceu aberta. O fechamento das nossas casas influiu profundamente na sua saúde: foi obrigado a renunciar ao seu trabalho pastoral e a passar por vários campos de reeducação: soube oferecer tudo pela Igreja sofredora e perseguida e pelos seus Irmãos tão duramente provados.

P. Domingos Bosque

* Bejar (Espanha) 21-5-1924, † Madri (Espanha) 6-10-1977 aos 55 anos, 35 de profissão, 26 de sacerdócio.

A sua vocação floresceu numa família genuinamente cristã e salesiana. Muitas vocações salesianas são fruto do seu zelo pastoral tanto na atividade entre os jovens dos colégios como na pregação dos Exercícios Espirituais. Trabalhou muito pelos ex-alunos e pelas associações de pais. Cuidou com amor da devoção a Maria Auxiliadora. Carregou toda a vida com a cruz de grande enfraquecimento da vista, doença que soube suportar com admirável serenidade e fortaleza de ânimo.

P. Miguel Brennan

* Coxlodge (Inglaterra) 28-5-1905, † Cidade do Cabo (África do Sul) 21-2-1978 aos 72 anos, 47 de profissão, 38 de sacerdócio. Foi Diretor por 15 anos.

Aos vinte anos, atraído pelo clima de alegria e família que admirava na nossa vida, entrou na Congregação. A alegria e o bom humor foram com efeito os dotes mais notáveis da sua personalidade, alimentados sempre de profunda piedade, grande amor ao trabalho, e de uma caridade que o levava a doar-se sem reserva a todos. A doença dos últimos anos fez-lhe amadurecer a consagração religiosa e ofereceu a todos um luminoso testemunho de fé.

Coad. Antônio Camacho

* S. Fernando (Espanha) 14-3-1894, † Sevilha (Espanha) 24-1-1978 aos 83 anos, 62 de profissão.

Salesiano ativo e generoso, dotado de um caráter alegre, sabia tornar agradável a companhia com a sua característica veia humorística, e alegrar os meninos com brilhantes representações teatrais, nas quais era diretor e ator, e isso até um ano antes da morte. Foi sempre

muito estimado pelo grande amor à Congregação, piedade profunda, admirável doação aos outros.

P. Antonio Campo

* em Comiso (Itália) 13-2-1881, † Catarina (Itália) 26-1-1978 aos 97 anos, 72 de profissão, 65 de sacerdócio.

Era o decano dos Irmãos da Inspetoria Sícula. Jovem operário de vinte anos, iniciou os estudos ginasiais em Pedara, ordenando-se em Foglizzo em 1912. Sua vida foi linear, ritmada por um constante trabalho entre os jovens na escola até aos 70 anos, e, depois, entre as Filhas de Maria Auxiliadora, como Capelão. Amante dos estudos teológicos e litúrgicos, serviu-se do seu rico patrimônio cultural e ascético para guiar as almas na cátedra e no confessionário. Deixa para todos um testamento espiritual feito de retidão e fidelidade ao magistério eclesial e salesiano.

P. Higino Canella

* S. Margherita D'Adige (Itália) 17-1-1920, † Tournai (Bélgica) 21-3-1978 aos 58 anos, 36 de profissão, 27 de sacerdócio.

Professor durante vários anos nas casas da Inspetoria do sul da Bélgica, empenhou-se, a partir de 1963, com todas as suas forças na atividade paroquial. O senhor chamou-o a si após várias semanas de sofrimento.

P. Higino Capitanio

* Veggiano (Itália) 25-6-1922, † São Paulo (Brasil) 30-3-1978 aos 56 anos, 38 de profissão, 28 de sacerdócio. Foi Diretor por 10 anos.

Embora cansado por diversas atividades pastorais, exercidas com a sua habitual generosidade, partiu para a Argentina a fim de dirigir um curso de formação permanente. Entretanto um colapso cardíaco no dia da sua chegada a São Paulo, onde passaria alguns dias, levou-o de improviso para Deus. Cresceu numa família rica de fé. Órfão aos 14 anos, seguiu com as duas irmãs, Rina e Maria, FMA, a vocação salesiana. Após conseguir a licença em Teologia e Direito Canônico, foi enviado como professor ao Instituto internacional de Messina, onde, em 1963, foi eleito Diretor. Foi aí que revelou a medida de suas capacidades humanas e religiosas, bem como de formador: "Vivi sempre como sacerdote entre os teólogos — confessa — esforçando-me por amá-los, desejando fossem dignos da sua vocação". Em 1970 passou a dirigir a comunidade dos Clérigos estudantes do PAS e, em 1973, foi-lhe confiada a delicada incumbência de animador dos cursos de formação permanente na Cada Geral. Possuía a arte de fazer amigos

porque sacerdotalmente humano, sincero, reto, e a sua amizade era sempre fator de coesão e de bem.

P. José Chies

* Colle Umberto (Itália) 6-1-1906, † Santiago (Chile) 26-3-1978 aos 72 anos, 57 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi Diretor por 13 anos.

Homem aberto a uma visão evangélica do mundo, sabia fazer amar o bem e instilá-lo no coração dos jovens. De grande sabedoria sacerdotal, infundia otimismo, serenidade, confiança em Deus, criava nas comunidades em que viveu um grande amor a Dom Bosco e à Igreja, dava a todos um sentido profundo de paz e profunda confiança em Maria Santíssima.

Coad. Chiaffredo Conte

* Francchie S. Damiano (Itália) 18-7-1922, † Turim 23-12-1976 aos 54 anos, 34 de profissão.

Foi assistente e professor primeiramente nas casas da Inspetoria Central e Lígure e, a partir de 1952, na casa do Cairo (Egito). Naturalmente reservado com os estranhos, tornava-se jovial e aberto com os Irmãos, cujas conversas animava com seu cordial bom humor. Homem de grande e profunda piedade, vivia apaixonadamente a sua missão de educador entre os seus alunos, dos quais era estimado e amado.

P. Remo Conti

* em Baggio (Itália) 29-5-1927, † Sesto S. Giovanni (Itália) 12-5-1977 aos 50 anos, 30 de profissão, 20 de sacerdócio.

Amadureceu-lhe a vocação no seio de uma família de condições modestas, mas rica de valores cristãos. Como sacerdote trabalhou por 20 anos no Centro de reeducação de Arese, na escola e no Oratório de Sesto S. Giovanni. O P. Remo fez do trabalho a sua "escada mística" para subir até Deus. Soube estar com os jovens inspirando confiança e demonstrando espírito de serviço e efetiva amizade. Mesmo na dor não se poupou em dar a quantos o visitavam a sua palavra de fé e esperança cristãs.

P. Estêvão Czmil

* Sudowa Wysznia (Ucrânia Ocidental) 20-10-1914, † Roma 22-1-1978 aos 63 anos, 41 de profissão, 32 de sacerdócio. Foi Diretor por 7 anos.

Deixou a Ucrânia a fim de na Itália preparar-se para o sacerdócio, ordenando-se em Roma em 1945. Em 1948 foi enviado à Argentina para exercer o ministério sacerdotal entre os conacionais ucranianos, emi-

grados. Em 1960 foi chamado a Roma, para o Pontifício Seminário Menor Ucraniano como professor e confessor. Aí ficou até à morte. Reeleito Diretor da pequena comunidade há dois anos, colocou a bondade como o centro da sua direção espiritual: foi para todos um bom pai, paciente, solícito, sempre calmo e sereno. Fruto da sua paternidade foi a constante solicitude em manter unidos os corações tanto dos Irmãos como dos jovens e de trabalhar para a unidade a fim de transformar em realidade o desejo de Jesus: que todos sejam uma coisa só.

P. Paulo Depretz

* Wallers (França) 25-11-1908, † 18-6-1977 aos 71 anos, 43 de profissão, 35 de sacerdócio.

Nasceu numa cidadezinha industrial do norte da França numa família de mineiros, trabalhando ele próprio como mineiro por vários anos antes de fazer-se salesiano. Essa experiência marcou-lhe profundamente a personalidade e orientou-lhe toda a atividade de educador entre os jovens operários, inseridos num ambiente descristianizado. Foi confidente apreciado e fraterno de vários Irmãos durante o serviço militar dos mesmos e sobretudo durante a guerra da Argélia. Nos últimos tempos exerceu intensa e apreciada atividade pastoral num centro paroquial da sua Diocese de origem, dando ao catecismo dos meninos, a exemplo de Dom Bosco, o melhor das suas capacidades.

P. Celso Farneti

* em Lizzano in Belvedere (Itália) 9-11-1911, † Damasco (Síria) 8-11-1977 aos 66 anos. 43 de profissão, 34 de sacerdócio.

Caráter aberto, sereno, jovial, bom, soube unir à alegria salesiana uma vida austera que o tornava livre de exigências, contente com o indispensável, fiel no trabalho, generoso e sacrificado. Respeitoso para com os Superiores, sentia-se feliz em oferecer-lhes a sua colaboração especialmente em momentos de particular necessidade. Deixa a todos o exemplo de uma vida consagrada vivida com coerência e entusiasmo

P. Quinto Faoro

* Arsié (Itália) 1-5-1910, † Alexandria do Egito 10-11-1977 aos 67 anos, 51 de profissão, 42 de sacerdócio. Foi Diretor por 17 anos.

Dotado de agudo engenho, memória tenaz, vontade forte, adquiriu excepcional competência na língua e literatura árabe. Era também apreciado cultor e conhecedor do vasto patrimônio cultural do Oriente Médio. Às suas qualidades intelectuais unia destacadas aptidões práticas que o tornaram Superior prudente e enérgico, consciente dos próprios limites, capaz de valorizar as qualidades dos Irmãos, aberto

e equilibrado diante das novas esperanças da Congregação, da Igreja, de todo o movimento ecumênico que acompanhava com amor e viva esperança. Muitas almas consagradas tiveram nele um guia espiritual sábio e iluminado.

P. José Ferro

* Crense (Espanha) 5-1-1894, † Granada (Espanha) 3-8-1977 aos 83 anos, 63 de profissão, 49 de sacerdócio.

Durante a sua vida sacerdotal salesiana atendeu sobretudo ao ministério das confissões prestando, com a sua direção espiritual, precioso e apreciado serviço aos jovens e aos Irmãos. Era aceito por todos pelo seu caráter jovial, aberto, sincero.

P. Vitório Francia

* Collesalvetti (Itália) 20-9-1901, † Alexandria do Egito 1-2-1978 aos 76 anos, 57 de profissão, 49 de sacerdócio. Foi Diretor por 17 anos.

Viveu os primeiros anos de vida salesiana em Valsalice sob a guia do Servo de Deus Mons. Cimatti e tendo como companheiro o P. Calixto Caravario. Sacerdote em Belém em 1929, foi depois Diretor em várias casas e Mestre dos Noviços. Salesiano de trato senhoril e cordial, despertava estima e simpatia. Gostava de trabalhar com coração salesiano entre os jovens promovendo com zelo e entusiasmo manifestações religiosas e culturais para tornar sempre mais eficaz a ação educativa entre os jovens. Uma longa doença, aceita com fé e santificada pela oração, preparou-o para o encontro com Cristo.

P. Luís Frassato

* Tonengo Canavese (Itália) 23-7-1885, † Valencia (Venezuela) 26-3-1978 aos 93 anos, 72 de profissão, 66 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Viveu 67 anos da sua longa vida salesiana na Venezuela unindo à atividade sacerdotal e pastoral as mais variadas incumbências no setor agrícola, na enfermaria, na administração, no esporte, conservando-se sempre o homem de Deus a serviço de todos. Confirmam seus altos méritos e o afeto que soube granjear, as oito condecorações com que as autoridades governamentais quiseram premiar-lhe o longo e sacrificado trabalho.

P. Antônio Gini

* Montevideu (Uruguai) 25-1-1902, † Juan Lacaze (Uruguai) 20-2-1978 aos 78 anos, 59 de profissão, 50 de sacerdócio. Foi Diretor por 7 anos.

Consagrou ao oratório muitos anos da sua atividade sacerdotal, promovendo muitas iniciativas, sempre com o desejo de levar os jo-

vens ao catecismo e à vida sacramental. Uma qualidade que o distinguiu, sobretudo nos últimos anos, foi o cuidado dos doentes, aos quais ofereceu sempre todo o seu ser, sem limitações de tempo e sem cálculos pessoais, solícito em dar a todos uma palavra de conforto e fé. Nas dores da última doença encontrou alívio na sua profunda e filial devoção à Virgem, que amou ternamente durante toda a sua vida.

P. João Gruyters

* Gemert (Holanda) 19-6-1920, † Assel-Apeldoorn (Holanda) 22-1-1978 aos 57 anos, 37 de profissão, 28 de sacerdócio. Foi Diretor por 15 anos.

Trabalhou incansavelmente pelos jovens e pelas missões, em favor dos quais promoveu encontros com os cooperadores, nas escolas, nas Paróquias, em toda a Holanda; conseguiu assim dar notável contribuição econômica às nossas missões. Era diretor da casa de Assel quando os médicos diagnosticaram a doença que o levou à morte. Irmão rico de profunda fé, amava a Congregação, e ofereceu de boa vontade as suas dores e a sua vida pelo bom êxito do Capítulo Geral 21.

P. Félix Koczwara

* Bottrop (Alemanha) 19-5-1903, † Rio de Janeiro 1-2-1978 aos 74 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio.

Oriundo da Baviera, deixou aos 25 anos a Pátria, vindo para o Brasil, onde trabalhou por muitos anos com dedicação e sacrifício como diretor de escolas profissionais, catequista em vários colégios. Foi também por cerca de 30 anos capelão de comunidades religiosas e confessor, edificando a todos pela sua pontualidade e disponibilidade. Nos últimos anos deu luminoso testemunho de fé e abandono à vontade divina quando sofreu a amputação de uma perna e foi atingido pela cegueira.

Coad. Antônio Kolarovic

* Pecenady (Tcheco-Eslováquia) 19-1-1894, † Ruban, Nove Zamky (Tcheco-Eslováquia) 26-9-1977 aos 80 anos, 54 de profissão.

Estava entre os primeiros salesianos que no distante 1920 chegaram a Genzano para fazerem-se salesianos. Retornando à pátria exerceu com dedicação por vários anos seu serviço de cozinheiro em várias casas nossas. Preso em 1952, sofreu por algum tempo os dissabores do cárcere; trabalhou depois como cozinheiro num estabelecimento do Estado permanecendo sempre fiel a Dom Bosco e dando luminoso testemunho com o seu otimismo, dedicação e piedade.

P. Carlos Le Gac

* Roscoff (França) 9-10-1914, † St Dizier (França) 24-2-1978 aos 63 anos, 42 de profissão, 28 de sacerdócio.

Após haver ajudado o pai na atividade comercial, fez-se salesiano aos 22 anos. Participou da segunda guerra mundial. Feito prisioneiro, esteve na Alemanha, na Polônia e na Rússia. Os sofrimentos deixaram profundas marcas no seu físico e no seu ânimo. Foi um homem aberto às amizades, de peculiar bondade, atento ao sofrimento dos outros, sensível para com os mais fracos e os mais pobres. Exerceu a sua atividade preferencialmente no mundo oratoriano e paroquial, usando de particular atenção com as pessoas anciãs e doentes e com os jovens mais pobres.

P. José Liegeois

* Verviers (Bélgica) 12-7-1903; onde † 16-3-1978 aos 75 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio.

Salesiano desde 1932, sacerdote em 1939, exerceu a sua atividade salesiana como assistente, professor e confessor em várias casas da Inspetoria belga da "Imaculada Conceição".

Coad. Francisco Martinez

* Piñeira De Arcos (Espanha) 23-1-1897, † Sevilha (Espanha) 23-3-1978 aos 81 anos, 61 de profissão.

Viveu grande parte da sua vida salesiana como missionário na China. Em seu trabalho educativo foi mestre de mecânica e competente mestre de oficina. Trabalhador incansável, estava sempre pronto a substituir, ajudar, aliviar os outros. Irmão de maneiras amáveis, profunda humildade, singular espírito de sacrifício, intensa piedade, mereceu a estima e o afeto de quantos o conheceram.

P. Justino Mestanek

* Stará Turá (Tcheco-Eslováquia) 8-3-1905, † Podunajské Biskupice (Tcheco-Eslováquia) 13-3-1977 aos 72 anos, 52 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Aos dezoito anos veio para a casa aberta na Itália, em Perosa Argentina, para os jovens eslovacos. Ordenado em Turim em 1934, regressou à pátria onde trabalhou em várias obras nossas também como Diretor. Supressas as obras salesianas da Eslováquia, inseriu-se na atividade pastoral diocesana, dedicando-se com serenidade, zelo, clareza de princípios ao povo a ele confiado.

P. José Mina

* Villanova D'Astí (Itália) 21-10-1926, † Roma 28-2-1978 aos 52 anos, 35 de profissão, 24 de sacerdócio.

Ordenado sacerdote em Turim, exerceu primeiro o seu apostolado na inspetoria no Oriente Médio, depois no Borgo Regazzi Dom Bosco, em Roma, como secretário da escola, propagador da boa imprensa, animador da "Cáritas" regional e vice-pároco. Sacerdote de profunda espiritualidade e cultura, inteligente e compreensivo diante da realidade, sensível às misérias humanas a ponto de esquecer-se a si próprio, doou-se por inteiro aos mais pobres e marginalizados que lhe retribuíam a bondade e generosidade com profunda estima e grande afeto.

P. Estêvão Mocza

* Kecskemét (Hungria) 11-12-1914, † Budapest (Hungria) 11-2-1978 aos 63 anos, 46 de profissão, 35 de sacerdócio.

Amadureceu-lhe a vocação no seio de uma família profundamente cristã, abençoada por Deus com 10 filhos. As festas para a beatificação de Dom Bosco em 1929 foram um chamado a fim de orientar sua vida para o apostolado salesiano. Clérigo, e mais tarde sacerdote, trabalhou com verdadeira dedicação em várias casas, alimentando sempre cordial e filial devoção à Virgem Auxiliadora. Ufanava-se de ser salesiano e viver no espírito de S. João Bosco mesmo nestes últimos decênios, quando constrangido a trabalhar como empregado num escritório de contabilidade. Sentindo diminuir as forças, foi ao encontro do Senhor com sereno e filial abandono.

P. Ernani Monsciani

* Cambiasca-Verbania (Itália) 13-12-1890, † Miasino (Itália) 15-3-1978 aos 87 anos, 66 de profissão, 53 de sacerdócio.

Órfão quando ainda muito jovem teve a alegria de encontrar a sua nova família entre os "filhos de Maria" de Turim-Martinetto. Homem simples, de poucas pretensões, inimigo de todo formalismo, consagrou toda a sua existência salesiana — mais de 40 anos — aos meninos da escola elementar. Sacerdote piedoso e zeloso, sinceramente afeiçoado a Dom Bosco e à Congregação, dedicou os últimos anos à assistência espiritual das Filhas de Maria Auxiliadora e a ajudas nas Paróquias.

Coad. Nicolau Pagnutti

* Colloredo di Prato (Itália) 26-9-1892, † Montevideu (Uruguai) 8-1-1978 aos 83 anos 52 de profissão.

Desapareceu com ele uma "eminente figura de salesiano que com a fidelidade a Dom Bosco, a dedicação ao trabalho, a piedade profunda honrou a história salesiana do Uruguai". Homem reto e simples trabalhou até ao fim da vida. Foi mestre no modo de criar o gado, na queijaria, transmitindo a muitos jovens esse gosto e entusiasmo mais com a prática que com a teoria. Para estar atualizado lia muito; competente em vários setores, sabia ser modesto e humilde com todos. Foi ao encontro do Senhor suportando com fé e serenidade a última doença.

Coad. Fausto Pancolini

* L'Aquila (Itália) 3-10-1916, † Roma, Casa Geral, 27-3-1978 aos 61 anos, 36 de profissão.

Aos vinte anos partiu para a Índia. Graças ao seus dotes de organizador, foi chamado a servir primeiramente a Dom Marengo em Dibrugarh, depois a Mons. Baroi em Krishnagar, como encarregado da propaganda missionária. Com estilo metódico e com uma atividade incansável, mediante cartas pessoais e circulares e uma inteligente documentação fotográfica, soube criar vasta rede de ajuda com que alimentou o trabalho de primeira linha dos seus Irmãos missionários. Constrangido a regressar à Itália por grave doença do coração, consagrou os últimos anos ao serviço da correspondência da Casa Geral, onde no silêncio, no sofrimento oculto, na dedicação operosa viveu até à segunda-feira de Páscoa, quando o Senhor ressuscitado chamou-o para junto de si.

P. Serafim Pelicon

* Sovodnje (Gorizia) 29-9-1898, † Zagreb-Rudes (Jugoslávia) 24-1-1978 aos 80 anos, 61 de profissão, 51 de sacedócio.

Toda a sua vida salesiana foi uma doação ao Senhor na diligente observância das Regras e no contínuo espírito de oração. Foi também um presente de Deus aos Irmãos, aos quais ofereceu o seu exemplo e a sua guia iluminada por mais de trinta anos como Superior, Mestre dos Noviços, confessor. Devoto de Dom Bosco e da Virgem Auxiliadora, embora de saúde precária desde jovem, fez da sua vida, num trabalho incansável, um agradável holocausto a Deus.

Coad. Ludovico Peturkenne

* Harderwijk (Holanda) 20-7-1917, † Verviers (Bélgica) 22-10-1976 aos 59 anos, 39 de profissão.

Iniciou a vida salesiana como clérigo, passando depois à vida religiosa laical como coadjutor. Exerceu a sua atividade como almoxarife, assistente, secretário em vários Institutos da Inspetoria da Bélgica (Sul) distinguindo-se sempre pela sua vida dinâmica, pela cordialidade da sua amizade aberta a todos, pelo tenaz amor aos valores da nossa vida religiosa.

Coad. Antônio Polonio

* Montilla (Espanha) 21-8-1922, † Antequera (Espanha) 8-1-1978 aos 55 anos, 35 de profissão.

Em S. Cruz de Tenerife e em Antequera, onde viveu toda a sua vida salesiana, exerceu o sacrificado mister de enfermeiro atraindo a estima e o afeto dos jovens e dos Irmãos. O fim chegou de maneira rápida mas não inesperada: o bom Irmão vivia na expectativa do encontro mediante intenso espírito de piedade.

Coad. Atílio Ribaldone

* Lu Monferrato (Itália) 9-11-1911, † Lanzo Torinese (Itália) 21-1-1978 aos 66 anos, 46 de profissão.

Educado numa família na qual se respirava o espírito salesiano e se vivia intensa vida cristã, deveu bem depressa renunciar aos estudos para o sacerdócio, por motivo de saúde. A doença que o acompanhou ao longo de toda a vida, foi por ele aceita como uma missão e um instrumento de ascese espiritual. Passava longas horas na oração, na leitura de livros espirituais, oferecendo aos Irmãos um luminoso exemplo de abandono à vontade de Deus.

Coad. Rafael Sanchez

* Osuna (Espanha) 6-6-1889, † Sevilha (Espanha) 1-4-1977 aos 87 anos, 67 de profissão.

Entrando aos 11 anos no colégio "SS. Trindade" de Sevilha, dirigido então pelo inesquecível P. Pedro Ricaldone, viveu nessa casa toda a sua vida salesiana, primeiro como apreciado mestre de tipografia, depois como encarregado da Livraria-Editora "Maria Auxiliadora". Nos últimos anos assumiu a responsabilidade da biblioteca da casa. Serviu com amor e dedicação à Congregação, alimentou filial devoção à Virgem Auxiliadora. Na dor que acompanhou o seu fim, soube dar a todos uma lição de fortaleza de ânimo, difícil de esquecer.

P. João Schoemaker

* Amsterdam (Holanda) 12-1-1913, † Rotterdam (Holanda) 17-2-1978 aos 64 anos, 45 de profissão, 30 de sacerdócio.

Partindo ainda jovem para o Chile, lá trabalhou por muitos anos afeiçoando-se àquela terra como a uma segunda pátria. Professor de Física e Matemática, sacerdote zeloso e sacrificado, consumiu tempo e saúde em ajudar os seus jovens, especialmente os mais necessitados. Depois de ter sido diligente administrador em várias casas, foi feito nos últimos anos Ecônomo inspetorial, tarefa que exerceu com competência, atraindo a estima de todos pela sua bondade e generosidade, pela sensibilidade e abertura aos problemas e exigências dos Irmãos. Regressando à pátria para uma cura mais eficiente do mal que o afligia, ofereceu as suas dores pelo bom êxito do Capítulo Geral 21 e pelas vocações da "sua" terra chilena.

P. Pedro Trovó

* Piove de Sacco (Itália) 14-4-1920, † Savonera (Itália) 11-12-1977 aos 57 anos, 41 de profissão, 31 de sacerdócio.

Mais da metade da sua vida salesiana foi consagrada ao apostolado da escola onde fez frutificar seus notáveis dotes de mente e coração. Quando a doença obrigou-o a completa inatividade, soube viver o longo calvário e oferecer, com submissão à vontade de Deus, o seu sofrimento pela casa e pelos jovens.

P. Antônio Voltan

* Polverara (Itália) 21-6-1905, † Biella (Itália) 17-1-1978 aos 72 anos, 40 de profissão, 33 de sacerdócio.

Veio para a Congregação já adulto, atraído pelo espírito de família e pelo desejo de trabalhar entre os jovens. A exemplo de Cristo, evangelizador dos pobres, exerceu com particular propensão a sua missão de professor e educador entre os jovens mais pobres: os aprendizes, os órfãos. Amou a amizade, o diálogo fraterno, a atmosfera familiar, o otimismo, alimentado por uma fé robusta, que lhe animou todo o trabalho apostólico e o amparou nas provas da vida.

P. Libardo Yepes

* La Ceja (Colômbia) 31-7-1911, † Medellin (Colômbia) 8-2-1978 aos 66 anos, 38 de profissão, 28 de sacerdócio.

Trabalhou como professor em várias casas da Inspetoria de Medellin, sempre apreciado pela intensa dedicação ao trabalho, piedade exemplar, profunda devoção à Virgem Auxiliadora e zelo em cultivar as vocações sacerdotais e religiosas.

1.º ELENCO de 1978

1.ª Relação

1 P. AGOSTO Carlos † Trelew (Argentina) 1977 aos 60 a.

2 P. ALAS João † S. Salvador (El Salvador) 1977 aos 64 a.

3 P. ALBISETTI César † Sangradouro (Brasil) 1978 aos 89 a.

4 Coad. ALOI José † Cremisan (Israel) 1977 aos 73 a.

5 P. ALONSO Tomás † Baracaldo-Cruces (Espanha) 1977 aos 62 a.

6 P. ALVARADO Adão † S. José (Costa Rica) 1977 aos 52 a.

7 Coad. ALVIGINI Aristides † Asti (Itália) 1977 aos 65 a.

8 P. ARAYA Luís † S. José (Costa Rica) 1977 aos 69 a.

9 P. ARBOLEDA Afonso † Bogotá (Colômbia) 1977 aos 59 a.

10 P. ASTIZ Manuel † Zaragoza (Espanha) 1977 aos 57 a.

11 P. BALDINI Ludovico † Brescia (Itália) 1977 aos 62 a.

12 D. BARANIAK Antônio † Poznam (Polônia) 1977 aos 73 a.

13 Coad. BERTOLO Arcanjo † Bahia Blanca (Argentina) 1977 aos 67 a.

14 P. BONI Mário † Modena (Itália) 1977 aos 54 a.

15 Coad. BORELLO José † Turim (Itália) aos 68 a.

16 P. BOSQUE Domingos † Madri (Espanha) 1977 aos 55 a.

17 P. BOUQUIER Henrique † Nice (França) 1977 aos 88 a.

18 P. BRAGAGNI Bruno † Savona (Itália) aos 56 a.

19 P. BRUGNARO Luís † Pordenone (Itália) 1977 aos 63 a.

20 P. DE BRUYCKERE Juliano † Mechelen (Bélgica) 1977 aos 74 a.

21 P. BURGER Maximiliano † Waldwinkel (Alemanha) 1978 aos 78 a.

22 P. CANCIANO José † Bogotá (Colômbia) 1977 aos 79 a.

23 P. CASAGRANDE Fernando † Haifa (Israel) 1977 aos 55 a.

24 P. CASETTA Carlos † Bangkok (Tailândia) 1977 aos 70 a.

25 P. COMMAN Hugo † Montevideu (Uruguai) 1977 aos 51 a.

26 Coad. CZECHOWICZ Estanislau † Jaciazek (Polônia) 1978 aos 53 a.

27 Coad. DALVIT Albino † Alta Gracia (Argentina) 1977 aos 83 a.

28 Coad. DAUSER Martinho † Oberthalheim (Áustria) 1977 aos 80 a.

29 P. DONÁ Ludovico † Lisboa (Portugal) 1978 aos 69 a.

30 P. DRUM Hugo † Bootle (Inglaterra) 1978 aos 89 a.

31 P. VAN ELSSEN Huberto † Tournai (Bélgica) 1977 aos 64 a

32 P. FRANZOLATO João † Boulogne (Argentina) 1977 aos 84 a.

33 Coad. FERNANDEZ Francisco † Coxipó da Ponte (Brasil) 1977 aos 86 a.

34 P. FERRETTI César † Brescia (Itália) 1978 aos 79 a.

35 Coad. FIOREDDA Isidora † Calcutá (Índia) 1978 aos 68 a.

36 Coad. FONTANA Humberto † Luis Beltran (Argentina) 1977 aos 69 a.

37 P. FURLANI Teseu † Verona (Itália) aos 68 a.

38 P. GAINO José † Varazze (Savona) 1977 aos 87 a.

39 Coad. GALLIDABINO Carlos † Catania 1977 aos 74 a.

40 P. GARNICA Antônio † Bahia Blanca (Argentina) 1977 aos 74 a.

41 P. GIOVENALE João † Alassio (Itália) 1977 aos 49 a.

42 P. GONZALEZ Artur † Orense (Espanha) 1977 aos 71 a.

43 P. GOMIERO Maximiliano † Udonthani (Tailândia) 1977 aos 61 a.

44 P. GRASSO Pedro † Melo (Uruguai) 1977 aos 51 a.

45 P. GAIALUPO Teófilo † Lima (Peru) 1977 aos 82 a.

46 Coad. GUIDO Paulo † Lima (Peru) 1977 aos 78 a.

47 P. GULLOTTI Alfredo † Reco (Itália) 1978 aos 60 a.

48 P. HARANGOZO João † Szombathely (Hungria) 1978 aos 85 a.

49 P. HRONEK Miloslau † S. Candido (Itália) 1977 aos 58 a.

50 Coad. KERN Antônio † Wiesbaden (Alemanha) 1977 aos 78 a.

51 P. KOLODZIEJCZAK Antônio † Lodz (Polônia) 1977 aos 68 a.

52 P. KRCMAR Carlos † Genova Sampierdarena (Itália) 1977 aos 83 a.

53 P. LEINFELDER Luís † Bischofshofen (Alemanha) 1977 aos 83 a.

54 P. LANNA Alcides † Belo Horizonte (Brasil) 1977 aos 86 a.

55 P. LAPORTE Maurício † Guiratinga (Brasil) 1977 aos 73 a.

56 Coad. LIEBL Fernando † Unterwaltersdorf (Áustria) 1978 aos 77 a.

57 P. LOSS Luís † La Spezia (Itália) aos 71 a.

58 P. MAHR Francisco † Campo Grande (Brasil) 1977 aos 74 a.

59 P. MATLAK José † Cracóvia (Polônia) 1977 aos 73 a.

60 P. MARCOALDI Evaristo † Roma (Itália) 1977 aos 79 a.

61 Coad. MASSENZ Ludovico † Valdobbiadene (Itália) 1977 aos 56 a.

62 P. MASSIMI José † Porto Alegre (Brasil) 1977 aos 95 a.

63 P. MAZZOCCHIO Francisco † Lima (Peru) 1977 aos 90 a.

64 P. McDONAGH Francisco † Warrenstown (Irlanda) 1977 aos 66 a.

65 Coad. MENEGOLA Lourenço † Este (Itália) 1977 aos 80 a.

66 P. MESTANEK Justino † Pezinok (Tchecoslováquia) 1977 aos 72 a.

67 P. MIRACOLA José † Catania (Itália) aos 61 a.

68 P. Morrin Patrício † Makallé (Etiópia) 1977 aos 44 a.

69 Coad. NUNES Júlio † Estoril (Portugal) 1977 aos 66 a.

70 P. ONDRASEK Vladimir † Sidney (Austrália) 1977 aos 59 a.

71 Coad. ORRU Francisco † Roma (Itália) aos 59 a.

72 P. OSORIO Alfredo † Santiago (Chile) 1977 aos 37 a.

73 P. PASQUARIELLO Pedro † Vietri sul Mare (Itália) 1977 aos 69 a.

74 P. PASSARELLI José † Nápoles (Itália) 1977 aos 68 a.

75 Coad. PASTORE José † Genova Sampierdarena (Itália) 1977 aos 90 a.

76 P. PAULO Gabino † Paysandu (Uruguai) 1977 aos 75 a.

77 Coad. PETURKENNE Ludovico † Verviers (Bélgica) 1976 aos 59 a.

78 P. PIOTROWICZ Alfredo † Varsóvia (Polônia) 1977 aos 52 a

79 P. PINTO Pedro † Cachoeira do Campo (Brasil) 1977 aos 79 a.

80 Coad. PO Constâncio † Panijm (Índia) 1977 aos 67 a.

81 Coad. QUINLAN Patrício † Ballinakill (Irlanda) 1977 aos 80 a.

82 P. RIGHETTO Siro † Verona (Itália) 1977 aos 77 a.

83 P. ROSSIT José † Santiago (Chile) 1977 aos 64 a.

84 P. RUFFINI Rinaldo † Chieri (Itália) 1977 aos 92 a.

85 Coad. SADOWSKI Teófilo † Kujawski (Polônia) 1977 aos 75 a.

86 P. SERGI Cesário † Raghabpur (Índia) 1977 aos 77 a.

87 Coad. SZYMCZAK Adalberto † Marszalki (Polônia) 1977 aos 75 a.

88 P. TAIT Guilherme † Johannesburg (África do Sul) 1978 aos 71 a.

89 P. TESTA Rodolfo † Latina (Itália) 1977 aos 56 a.

90 P. TORRES José † Tegucigalpa (Honduras) 1977 aos 75 a.

91 P. TRIVELLATO Domingos † Camposampiero (Itália) 1977 aos 71 a.

92 P. URBANTO Antônio Lourenço † Salvador (Brasil) 1977 aos 67 a.

93 P. VIVIANO Miguel † Caltanissetta 1977 aos 68 a.

94 P. WAGNER Antônio † Budapest (Hungria) 1977 aos 72 a.

2.ª Relação

95 P. DO AMARAL José Orlando Siqueira † São Paulo (Brasil) 1978 aos 49 a.

96 Coad. ACERNI Benjamim † Cuneo 1978 aos 75 a.

97 P. BAILONE João † Genova-Sampierdarena 1978 aos 75 a.

98 Coad. BERTONI Azelio † Roma 1978 aos 71 a.

99 Coad. BORRA Antônio † Milão 1978 aos 72 a.

100 P. BOSACKY José † Bratislávia (Tcheco-Eslováquia) 1977 aos 72 a.

101 P. BOSQUE Domingos † Madri (Espanha) 1977 aos 55 a.

102 P. BRENNAN Miguel † Cidade do Cabo (África do Sul) 1978 aos 72 a.

103 Coad. CAMACHO Antonio † Sevilha (Espanha) 1978 aos 83 a.

104 P. CAMPO Antonino † Catania (Itália) 1978 aos 97 a.

105 P. CANELLA Higino † Tournai (Bélgica) 1978 aos 58 a.

106 P. CAPITANIO Higino † São Paulo 1978 aos 56 a.

107 P. CHIES José † Santiago (Chile) 1978 aos 72 a.

108 Coad. CONTE Chiaffredo † Turim 1976 aos 54 a.

109 P. CONTI Remo † Sesto S. Giovanni (Itália) 1977 aos 50 a.

110 P. CZMIL Estêvão † Roma 1978 aos 63 a.

111 P. DEPRETZ Paulo † França 1977 aos 71 a.

112 P. FARNETI Celso † Damasco (Síria) 1977 aos 66 a.

113 P. FAORO Quinto † Alexandria (Egito) 1977 aos 67 a.

114 P. FERRO José † Granada (Espanha) 1977 aos 83 a.

115 P. FRANCIA Vitório † Alexandria (Egito) 1978 aos 76 a.

116 P. FRASSATO Luiz † Valência (Venezuela) 1978 aos 93 a.

117 P. GINI Antônio † Juan Lacaze (Uruguai) 1978 aos 78 a.

118 P. GRUYTERES João † Assel-Apeldoorn (Holanda) 1978 aos 57 a.

119 P. KOCZWARA Félix † Rio de Janeiro 1978 aos 74 a.

120 Coad. KOLAROVIC Antônio † Ruban, Nove Zamky (Tcheco-Eslováquia) 1977 aos 83 a.

121 P. LE GAC Carlos † St Dizier (França) 1978 aos 63 a.

122 P. LIEGEIOIS José † Verviers (Bélgica) 1978 aos 75 a.

123 Coad. MARTINEZ Francisco † Sevilha (Espanha) 1978 aos 81 a.

124 P. MESTANEK Justino † Podunajské Biskupice (Tcheco-Eslováquia) 1977 aos 72 a.

125 P. MINA José † Roma 1978 aos 52 a.

126 P. MOCZA Estêvão † Budapest (Hungria) 1978 aos 63 a.

127 P. MONSCIANI Ernani † Miasino (Itália) 1978 aos 87 a.

128 Coad. PAGNUTTI Nicolau † Montevideu (Uruguai) 1978 aos 83 a

129 Coad. PANCOLINI Fausto † Roma 1978 aos 61 a.

130 P. PELICON Serafim † Zagreb (Jugoslávia) 1978 aos 80 a.

131 Coad. POLONIO Antônio † Antequera (Espanha) 1978 aos 55 a.

132 Coad. RIBALDONE Atílio † Lanzo Torinese (Itália) 1978 aos 66 a.

133 Coad. SANCHEZ Rafael † Sevilha (Espanha)1977 aos 77 a.

134 P. SCHOEMAKER João † Rotterdam (Holanda) 1978 aos 64 a.

135 P. TROVÓ Pedro † Savonera (Itália) 1977 aos 57 a.

136 P. VOLTAN Antônio † Biella (Itália) 1978 aos 72 a.

137 P. YEPES Libardo † Medellin (Colômbia) 1978 aos 66 a.

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Composto e Impresso nas
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal 30 439
SÃO PAULO